

FATIMA • 50

INTERNATIONAL

769

Ano II - Nº 18 13/Outubro/1968





Imagem de Nossa Senhora de Fátima Peregrina

## ORAÇÃO PELA PAZ

Senhor, Deus de paz,  
Vós que criastes os homens,  
objecto de Vossa benevolência,  
para serem os familiares da Vossa glória,  
nós Vos bendizemos e Vos agradecemos:  
pois nos enviastes Jesus,  
Vosso Filho querido,  
Vós o fizestes,  
no mistério da Sua Páscoa,  
o autor de toda a salvação,  
a fonte de toda a paz,  
o laço de toda a fraternidade.

Nós Vos damos graças,  
pelos desejos, pelos esforços,  
pelas realizações,  
que o Vosso Espírito de paz  
suscitou no nosso tempo,  
para substituir o ódio pelo amor,  
a desconfiança pela compreensão,  
a indiferença pela solidariedade.  
Abri ainda mais os nossos espíritos  
e os nossos corações  
às exigências concretas do amor  
para com todos os nossos irmãos,  
para que sejamos sempre mais  
obreiros da paz.

Lembraí-Vos, Pai de misericórdia,  
de todos os que penam,  
sofrem e morrem  
na luta por gerar um mundo mais fraternal  
Que para os homens de todas as raças  
e de todas as línguas  
venha o Vosso reino de justiça,  
de paz e de amor.  
E que a Terra se encha da Vossa glória.

Amém.



DEPÓSITO LEGAL  
- 0. OUT. 1968

# FÁTIMA E A ORAÇÃO PELA PAZ

FÁTIMA está indiscutivelmente ligada à causa da Paz. No contexto evangélico em que a Mensagem está incluída, nas circunstâncias em que vem envolvida, nas consequências práticas que se lhe seguem, encontra-se a Paz como razão e como finalidade. Se o Evangelho é uma nova de Paz de que a Liturgia se faz eco todos os dias na celebração do acto litúrgico por excelência que é a Missa, Fátima, sendo um resumo do Evangelho, é um resumo de uma espécie de liturgia da Paz. Logo no início do Cânone se invoca o Pai de misericórdia, por intermédio de Jesus Cristo Seu Filho para que se «digne conceder a Paz à Igreja Católica» ou seja à comunidade universal dos filhos de Deus. Momentos antes da consagração volta a pedir-se a Paz: «ordenai na Vossa Paz os dias da nossa vida» — segundo as palavras vernáculas da tradução oficialmente aprovada. Após a oração dominical insiste-se na súplica pela Paz: «dignai-Vos conceder-nos a Paz nestes dias em que vivemos». E conclui-se desta maneira: «de modo que, ajudados pela Vossa misericórdia, sejamos sempre livres do pecado e preservados de toda a perturbação». Ao Cordeiro de Deus, imolado pelo pecado do Mundo, pecado que é causa de perturbação e de guerra, implora-se a Paz: «Cordeiro de Deus, que tirais os pecados do Mundo, dai-nos a Paz». E recordando a Cristo que Ele disse: «Deixo-vos a Paz, dou-vos a minha Paz», pedimos-Lhe que, «não olhando para os nossos pecados, mas para a fé da Sua Igreja, se digne conceder-lhe a Paz e a união segundo a Sua vontade».

# FÁTIMA·50

## INTERNATIONAL

Ano II-Nº18 13 Outubro 1968

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,  
DOCUMENTAL E ILUSTRADA  
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director: Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA	
Chefe de Redacção: Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO	
Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA	
Direc. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO	
Redacção, Administração e Publicidade: SANTUÁRIO DE FÁTIMA · Telef. 97468	
PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00 Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00 Outros países — Assinatura anual: 130\$00 PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00 Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour. SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day. SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.	
<b>NESTE NÚMERO :</b>	
ACTUALIDADES	
Peregrinações .....	14
Notícias de Fátima .....	15
DOCUMENTOS	
Mensagem do Santo Padre para o Dia Mundial das Missões .....	18
COLABORAÇÕES	
Os Pastorinhos e a Paz no Mundo.....	6
Nossa Senhora de Fátima preservou Portugal da guerra	10
O Rosário pela Bíblia .....	20
TESTEMUNHOS	
Fátima e a oração pela Paz .....	3
RESUMOS	
Resúmenes — Résumés — Summary .....	24
ILUSTRAÇÕES	
Fotos a cores, de Mário de Figueiredo; fotos a preto e branco, de «MARINHO»	
Aceita-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.	
«FÁTIMA·50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.	
Composto e impresso por GRIS, IMPRESSORES, S. A. R. L., Cacém / Portugal.	



**N**OSSA Senhora indicou por diversas vezes aos pastorinhos que os pecados são a causa da guerra e que se os homens não se emendarem outras guerras cada vez piores virão castigá-los. Por isso, em Fátima, desde Fátima, continua a pregar-se a penitência como necessidade urgente para se obter a Paz por todos desejada. E a piedade cristã de Fátima gira toda em volta da Eucaristia, ao redor de uma liturgia de Paz por ser liturgia eucarística.

\* \* \*

**A** MENSAGEM não foi comunicada inesperadamente aos videntes. Antes, segundo os mais verídicos testemunhos, um Anjo veio falar às crianças. Ensinou-as a rezar e a fazer sacrifícios. E prometeu-lhes, se fossem fiéis, que «atrairiam a Paz sobre a sua Pátria». Depois veio a Virgem Maria. Não veio falar directamente de paz ou de guerra. Mas veio dizer qual o caminho do Céu e qual o caminho da própria felicidade na Terra, afirmando que o pecado é a causa das guerras e que a oração e a penitência produzem a Paz. Quando Lúcia, logo na primeira aparição perguntou a Nossa Senhora quando acabaria a guerra, a Virgem não lhe quis responder imediatamente. Mas falou-lhes depois, condicionando o termo do conflito a muitos terços rezados com essa intenção. Em Julho disse mesmo que se não fizessem o que Ela pedia a todos os homens — penitência e oração — viria uma guerra muito pior. Falou também, mais tarde, da necessidade da consagração da Rússia ao Seu Coração Imaculado para acabar com a causa de muita perturbação e muitas guerras. Os videntes foram compreendendo pouco a pouco o significado das palavras da Senhora, é certo, mas intuíram imediatamente a intenção fundamental e redobram de fervor nas suas orações pela Paz.

\* \* \*

**V**OLVERAM os anos. O Mundo continua oprimido por guerras e ameaças de guerras. Tanta é a angústia e tão ineficazes os meios empregados pelos homens para conseguirem a Paz que o Papa Paulo VI não hesita em recorrer «Àquela que, para a incolumidade deste nosso Mundo moderno se dignou mostrar mais uma vez o Seu rosto materno, doce e luminoso, aos pequeninos, aos pobres e recomendou, como remédios soberanos, a oração e a penitência ...»

No mesmo discurso de 3 de Maio de 1967, durante o qual anunciou a sua visita à Cova da Iria, Paulo VI afirmou: «Parece-nos que devemos à causa da Paz este Nosso acto singular de invocação religiosa. A causa da Paz é tão grande e precisa tanto de um interesse constantemente renovado, que não hesitamos em dar-lhe outro sinal particular da Nossa solicitude pastoral».

«A razão espiritual que quer dar a esta viagem a sua significação própria, é a de rezar, uma vez mais, e com maior humildade e devoção ainda, pela Paz.»

Veio o Papa pedir a Paz em duas direcções que se resumem ou vão juntar num único fim: o homem integral como cidadão do Mundo e herdeiro do Céu pela sua cidadania eclesial. Assim, enuncia as suas intenções: «A Paz interior da Igreja ... A Paz cívica e social do Mundo ... A Paz da Humanidade ...» «A Paz interior da Igreja é, de facto, para Nós motivo de especial empenho e queremos garantir-lhe o fermento generoso do Concílio Ecuménico na integridade da fé autêntica, na coesão da caridade e da disciplina eclesial, no fervor da expansão apostólica para a salvação do Mundo e na procura sincera da aproximação ecuménica em todos aqueles que se honram do nome de cristãos. E não Nos é menos grata a Paz cívica



e social do Mundo, sim, a Paz da Humanidade. Verificamos que este nome abençoado, esta causa suprema da Paz penetra cada vez mais na consciência dos homens, como postulado indispensável de todo o bem-estar e de todo o progresso e como coroaamento desejável, acima de todas as coisas, de todos os esforços tendentes a dar ao homem uma vida digna na Verdade, na Justiça, na Liberdade e no Amor, como proclamou o Nosso venerando antecessor João XXIII.»

\* \* \*

**L**OGO que chegou a Portugal, dirigindo-se ao Presidente da República Portuguesa, afirmou: «Nós também viemos como peregrino. É Nosso ardente desejo render homenagem filial à excelsa Mãe de Deus, na Cova da Iria. Para lá encaminhamos agora os nossos passos, com espírito de oração e penitência, para suplicar a Nossa Senhora de Fátima que faça reinar na Igreja e no Mundo o inestimável bem da Paz.»

E vai repetindo, aumentando de intensidade, se assim se pode dizer, ao longo dos diversos discursos pronunciados, esta sua intenção de rezar pela Paz. Na memorável homilia, diz logo de começo: «Tão grande é o Nosso desejo de honrar a Santíssima Virgem Maria, Mãe de Cristo e, por isso Mãe de Deus e Mãe nossa; tão grande é a Nossa confiança na Sua benevolência para com a Santa Igreja e para com a Nossa missão apostólica; tão grande é a Nossa necessidade da Sua intercessão junto de Cristo Seu divino Filho, que viemos, peregrino humilde e confiante, a este santuário bendito, onde se celebra hoje o Cinquentenário das Aparições de Fátima e onde se comemora hoje o vigésimo quinto aniversário da consagração do Mundo ao Coração Imaculado de Maria.»

E continua: «Queremos pedir a Maria uma Igreja viva, uma Igreja unida, uma Igreja santa ... E passamos à segunda intenção da Nossa peregrinação: a Paz do Mundo ... A primeira causa da inquietação do Mundo é a dificuldade que encontra em estabelecer a concórdia, em conseguir a Paz ... É por este motivo que dizemos que o Mundo está em perigo. É por este motivo que viemos Nós aos pés da Rainha da Paz a pedir-Lhe a Paz, dom que só Deus pode dar.»

Ao Corpo Diplomático, disse: «Viemos aqui como peregrino. Viemos para rezar, para implorar da divina misericórdia a dádiva da Paz pela qual suspiram tão ardentemente os homens do nosso tempo. Não qualquer espécie de Paz, mas aquela que invocamos na Nossa recente Encíclica **Populorum Progressio** e que assenta nas quatro bases definidas de maneira tão feliz pelo Nosso grande predecessor João XXIII, num documento justamente célebre e que são a Verdade, a Justiça, o Amor e a Liberdade.»

Na saudação ao Episcopado voltou a referir-se a esta intenção: «Viemos de Roma para elevar, na Cova da Iria, a Nossa ardente súplica pela Paz da Igreja e do Mundo.»

E ao despedir-se: «Viemos como peregrino para rezar humilde e fervorosamente pela Paz da Igreja e pela Paz do Mundo».

\* \* \*

**F**ÁTIMA é, pois, um convite insistente à oração pela Paz. Todos os amantes da Paz — «e quem é que rejeita a Paz? Quem a rejeitasse deliberadamente erigir-se-ia a si mesmo em inimigo da Humanidade» (Paulo VI, 3 de Maio de 1967) — são convidados a unir os seus esforços pelo bem da Paz. São todos convidados a rezar pela Paz. E ninguém melhor do que a Rainha da Paz para elevar as nossas orações até ao Coração de Deus.



# OS PASTORINHOS E A PAZ NO MUNDO

## A PAZ, VOCAÇÃO SECUNDÁRIA DOS PASTORINHOS

Foi na Basílica de Santa Maria Maior, onde foi celebrada a missa solene preparatória do Cinquentário das Aparições de Fátima, que eu vi o belo monumento erguido à memória do Papa Bento XV, o Papa da Paz. Uma inscrição recorda que no dia 5 de Maio de 1917 ele escreveu uma carta a pedir às crianças cristãs para rezarem à Santíssima Virgem, durante aquele Mês de Maria, pela Paz e ordenando também que, daí em diante se acrescentasse à Ladainha de Nossa Senhora a invocação: **Rainha da Paz, rogai por nós**. Desanimado pela inutilidade das suas tentativas para acabar com os horrores do conflito que então afligia a Europa recorreu, dessa forma, ao poder que sobre o Coração da Mãe de Deus tem a oração das crianças.

A resposta de Maria ao gesto do Vigário de Seu Filho foi, oito dias volvidos, surpreender no campo três pastorinhos do lugarejo de Aljustrel, crianças ignorantes mas simples e piedosas. Não lhes falou imediatamente da Paz, porque o objectivo essencial da Sua visita não era esse. Estas crianças, porém, apesar da sua tenra idade, partilham as angústias do Pai comum dos fiéis perante o conflito que nunca mais acabava e no qual o seu próprio País tinha entrado alguns meses antes. Muitas vezes, em casa, ouviram falar das violências da guerra e dos seus horrores. Todas as semanas, um ou outro jovem da sua família ou vizinhança era chamado ao exército ou partia para a guerra.

Na solidão e durante as longas horas que passam juntos, falam de todas estas coisas entre eles e, certamente, a sua imaginação juvenil aumenta ainda mais as monstruosidades daquela guerra atroz. De qualquer maneira, eles não souberam do apelo do Santo Padre para rezar pela Paz. No ano anterior, o Anjo precursor que Maria delegou para preparar as suas almas para a sua sublime missão, sem os interessar directamente na causa da Paz, apresentou-se uma vez com o nome de **Anjo da Paz**. Depois de lhes ter recomendado, na segunda visita, que rezassem e oferecessem incessantemente sacrifícios, acrescentou: **Desta forma atraireis a Paz sobre a vossa Pátria**.

Conhecendo a sensibilidade e o fervor destas pequenas almas, não se duvida de que tenham pensado muitas vezes, durante o terço diário e ao recitar as orações ensinadas pelo Anjo, nessa maldita guerra e nos pobres combatentes.

Na manhã do dia 13 de Maio de 1917, tinham ido à missa das almas à capela de Boleiros. Não era ainda provável, por via das dificuldades criadas pela guerra nas comunicações internacionais e a pobreza das informações religiosas, nesse tempo em Portugal, que o padre Ferreira tenha falado ou tenha mesmo tido conhecimento da carta de Bento XV pedindo às crianças para rezarem pela Paz.

Depois da sua frugal refeição na Cova da Iria, rezaram o terço. A intenção da paz não devia estar ausente do seu espírito. A angústia dos seus corações e dos seus pensamentos era tamanha que a beleza da Senhora de Luz e até a visão beatífica com que Ela recompensa a sua docilidade não conseguem apagar do seu espírito esta preocupação. Com efeito, logo que se dissipou o enlevo celeste, Lúcia, compreendendo que a linda Senhora do Céu os ia deixar, fez-Lhe esta pergunta:

— Vocemecê sabe dizer-nos quando acabará a guerra?

E ouviu a única resposta que a própria Rainha da Paz lhe poderia dar:

— **Isso não to posso dizer ainda, pois nem sequer te disse o que quero.**

O que Ela queria era, acima de tudo, a salvação das almas, porque sofria por ver a lei de Deus violada e o sangue de Seu Filho inútilmente derramado por um grande número de pecadores.

Nunca na nossa época foi tão urgente arrancar o mundo ao pecado e voltá-lo para Deus, porque jamais tantas forças do mal trabalharam com tal método e encarniadamente para o separar do seu Criador. Tal é a razão essencial e primordial da intervenção da Mãe de Deus sobre a azinheira, e esta será igualmente a vocação primária dos nossos pequenos amigos de Aljustrel.

Longe de esquecer o grande problema terrestre da paz ou da guerra, Maria sabe que o resolveria suprimindo o pecado, porque a guerra é o fruto mais visível da desobediência à ordem divina. Um livre pensador como Alfredo Camus afirma que se deve atribuir ao desaparecimento da fé em Deus os crimes e desgraças que assolam a Terra. Foi isso, declara no seu livro **O Homem revoltado**, «o que matou, desenraizou ou escravizou setenta milhões de homens. Este número é muito inferior à realidade. Só o total dos mortos na guerra mundial ultrapassa os 55 milhões, tanto entre os civis como entre os soldados combatentes. E quem contará os órfãos, os feridos, as viúvas, as famílias deslocadas, os deportados, os prisioneiros, etc.?». Negando Deus, multiplicaram-se os cadáveres e lançaram-se, com um rigor cada vez mais científico, os escravos à agonia nos campos de concentração».

Eis o que entristece o coração compassivo da nossa Mãe do Céu. Como o Santo Padre, como todos os homens sábios, como os nossos pastorinhos, Ela gostaria de ver reinar, finalmente, a caridade e a Paz sobre a Terra e que desaparecessem as guerras cada vez mais cruéis.

Nas visitas seguintes, ao ensiná-los como poderiam conseguir a salvação dos pecadores, dir-lhes-á também, e nos dirá a nós, o que devemos fazer para conseguir a graça da Paz.



Se os homens, ao Seu apelo, seguirem pelos caminhos da eterna salvação que são os do Evangelho também encontrarão os da salvação temporal e da Paz prometida aos homens de boa vontade. Mas se continuarem a negligenciar a lei do Seu Filho e os Seus próprios e angustiantes apelos, nem a Mãe de Deus pode prometer à Lúcia a Paz que seria o fruto espontâneo da obediência à Mensagem que Ela trouxe à Terra.

Não, não pode falar de livrar os Povos das marés de guerra endêmica enquanto não disser o que devem fazer para se afastarem do pecado, e é disto sobretudo que Ela nos veio falar por intermédio dos pastorinhos, que se tornarão, assim, excelentes promotores da Paz entre os Povos.

## AS CRIANÇAS CORRESPONDEM A ESTA VOCAÇÃO

**A**gora, mais do que após as visitas do Anjo, os nossos pastorinhos sentem vivamente a obrigação de rezar pela Paz. Foi com esta finalidade que a Senhora lhes recomendou a fidelidade ao terço diário, e renovará este pedido em cada uma das outras cinco aparições. Esta recomendação é certamente aquela sobre a qual mais insistiu Nossa Senhora e é o primeiro ensinamento da Senhora que os pequenos tornaram conhecido à sua volta.

Quando os curiosos perguntavam: «O que é que se passa em Fátima?», os que julgavam sabê-lo, respondiam: «É uma Santa do Céu que pede para se rezar o terço.»

Deve notar-se que Aquela a quem Bento XV deseja que se invoque como Rainha da Paz, indica aos pastorinhos, pelo menos três vezes, esta intenção para o seu terço de todos os dias, precisando uma vez (13 de Julho) que só Nossa Senhora pode obter esta graça aos homens. A alma inflamada dos nossos pequeninos pastores deseja tão ardentemente o fim da guerra e o regresso dos soldados, que se tornam, daí em diante, infatigáveis na reza do terço.

Francisco, que respondera com tanto entusiasmo ao primeiro pedido da Senhora: «Terços, rezarei quantos quiserdes!», tinha tantos desejos da Paz... e do Paraíso prometido, que o seu pobre terço não lhe caía dos dedos. Algumas vezes, enquanto a Lúcia e a Jacinta brincavam em vez de rezar, ele afastava-se delas e passeava em silêncio. As meninas perguntavam-lhe:

— Francisco, que estás a fazer?

Como resposta estendia o braço direito no extremo do qual pendia o seu instrumento de oração.

— Anda brincar agora; depois rezamos todos juntos.

— Depois? ... Depois? ... Agora e depois! Esqueceste-vos de que a Senhora me disse que eu nunca devia deixar o terço no bolso?

Uma vez, ao chegarem ao lugar da pastagem, subiu para um penedo dizendo às companheiras:

— Não subais; deixai-me só.

Obedeceram, mas à hora da merenda lembraram-se dele e foram-no chamar:

— Francisco, não vens comer?

— Não, comei vós.

— E para rezar o terço?

— Quando for para rezar o terço, vou. Chamai-me então.

Quando adoeceu, atacado pela gripe espanhola, não se contentava com um só terço por dia. Lúcia garante-nos que ele não deixava passar um só dia sem rezar o rosário completo. Quando se sentia muito fraco para rezar as cinco dezenas sem parar, pedia à Jacinta ou à sua mãe, se esta tinha tempo, para o ajudar a terminar. A senhora Olímpia tranquilizava-o dizendo-lhe que, Nossa Senhora se contentava com a oração mental.

A sua pequena irmã não era menos fervorosa em corresponder aos desejos de Nossa Senhora cuja bondade e beleza a tinham seduzido. Desde a tarde do dia 13 de Maio conseguira, com doce insistência, que sua mãe e toda a família rezassem o terço em comum durante a oração da noite. Depressa conseguiu a promessa de que assim seria todas as noites.

O exemplo destes pequenos aldeãos devia levar-nos a imitá-los. É certo que pouca gente dispõe do tempo que eles tinham enquanto guardavam o rebanho. Mas qual será o cristão desejoso de ver a Paz reinar sobre a Terra que não encontra, procurando bem, um quarto de hora para prestar esta homenagem à Mãe de Deus, preito ao qual Ela condiciona a bela recompensa da Paz do Mundo?

Lúcia, um dia, fez ver aos primos que a reza do terço sempre lhes tinha sido proposta por Nossa Senhora no interesse da paz, mesmo quando sobretudo pedia sacrifícios pela conversão dos pecadores. O Rosário tem, portanto, uma promessa de particular eficácia a favor da Paz. Eis porque urge manter fielmente, nestes tempos ameaçadores de guerra, os exercícios do Mês do Rosário tão recomendados pelos Soberanos Pontífices.

Se o desejo de Paz encorajava os nossos pequenos amiguinhos no caminho da prece fervorosa, tão pouco era estranho ao seu zelo pela mortificação. Quando se entregavam aos seus pequenos sacrifícios que nunca se esqueciam de oferecer ao Senhor pela oração de oblação ensinada pela Virgem; quando se privavam de guloseimas e até de alimento pelos orfãosinhos da Moita; quando punham os cílios que fizeram com uma corda; quando evitavam as brincadeiras de maior distração; quando resistiam valentemente aos assaltos do administrador do Concelho e dos seus polícias; quando suportavam pacientemente as perseguições dos incrédulos e, no caso da Lúcia, as da família, como não haveriam de pensar nas notícias que diariamente chegavam da Europa ensanguentada e que foram sobretudo alarmantes naquela Primavera de 1917?

Depois do dia 13 de Julho pensam também nas guerras futuras, porque nesse dia Nossa Senhora lhes anunciara uma guerra «pior» do que aquela que se fazia então, guerra que deveria começar sob Pio XI e traria mortes, «fome e perseguição». Maria predissera igualmente que os «erros da Rússia» espalhar-se-iam pelo Mundo, provocando guerras e calamidades de toda a espécie. Estas visões do futuro que eles guardavam no segredo do seu coração, era para eles um motivo poderoso para rezar e sofrer com a finalidade de conseguirem a Paz entre os Povos.

A visão com a qual só a Jacinta foi favorecida e que contou à Lúcia e ao irmão, em que viu o Santo



Padre «a chorar, ajoelhado diante de uma pequena mesa», depois aquelas «multidões desoladas correndo pelas estradas chorando com fome», eis novas razões para rezar e «aceitar todos os sofrimentos que Deus quisesse enviar-lhes», como tinham prometido a Nossa Senhora logo no primeiro dia.

Os longos meses da doença de Francisco e os ainda mais longos de sua irmã, as duas idas desta para o hospital com as duas intervenções cirúrgicas que teve de sofrer, foram outras novas e múltiplas ocasiões de sacrifícios amorosamente aceites.

Um dia a senhora Olímpia, vendo que a sua filha ficava longas horas pensativa, com a cabeça entre as mãos, quis saber em que é que ela pensava nos seus sonhos. Para não quebrar o segredo do grande aviso e para não mentir, respondia simplesmente que pensava no seu irmão Francisco já no Céu. Insatisfeita com esta resposta, a mãe pediu à Lúcia para lhe fazer idêntica pergunta. A sua confidente já a doentinha abriu o coração:

— Penso também na guerra que está para vir. Vai haver tantas mortes e tantos irão para o inferno! ... Muitas casas vão ser destruídas; muitos sacerdotes mortos! ... Ouve: eu vou para o Céu. Mas não tenhas medo. Quando estiver no Céu rezarei muito por ti, pelo Santo Padre, por Portugal para que a guerra não chegue cá, e por todos os sacerdotes.

O Anjo da Paz, ao pé do poço da Lúcia, tinha-lhes dito que se eles fossem fiéis à oração e a fazer sacrifícios como lhes ensinara, atrairiam a Paz sobre a sua Pátria. Nunca a Jacinta ou os seus companheiros se esqueceram desta promessa do espírito angélico nem de cumprir a condição que ele tinha posto.

Quando o Povo Português pensa na sorte feliz que lhe tocou enquanto uma revolução sangrenta assolava a Espanha durante dois anos e a grande guerra, logo a seguir, afogou a Europa durante cinco anos mais, não pode deixar de evocar as preces e os sacrifícios das duas heróicas crianças cujos restos repousam na basílica ao pé do lugar onde Nossa Senhora lhes inspirara o amor aos pecadores, pela visão do inferno e também o amor e o desejo da Paz pela predição de guerras e de suas tristes consequências.

### PAZ PELO CORAÇÃO DE MARIA

Quando se lê bem a advertência mariana da terceira aparição, publicada a pedido de Pio XII em 1942, compreende-se facilmente que todos os males anunciados para o período que se seguirá à guerra «que vai vir», têm como origem os «erros» professados pela Rússia e por ela propagados através do Mundo.

Conseguir que a Rússia abandone os seus erros será também abreviar estas desordens. Assim aparece claramente que essa é a finalidade especial pela qual Nosso Senhor e Nossa Senhora quiseram oferecer-nos, com a Mensagem de Fátima, uma nova arma de salvação e de Paz para juntar às da oração e penitência. Refiro-me à devoção ao Imaculado Coração de Maria.

Os pequenos tiveram uma primeira revelação deste desígnio logo na segunda visita da Mãe do Céu. Tinha-lhe pedido que os levasse com Ela.

— Sim — terá Ela dito — Depressa virei buscar o Francisco e a Jacinta; mas tu, Lúcia, tens de ficar mais tempo cá em baixo. Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar; quer estabelecer no Mundo a devoção ao meu Coração Imaculado. E imediatamente lhe mostrou este coração rodeado de espinhos que o ferem por todos os lados.

No mês seguinte também foi tratada a questão desta devoção, mas nas palavras que eles devem manter em segredo até que se tornem compreensíveis e utilizáveis pela sabedoria dos homens se dela se souberem aproveitar. Depois de ter falado das guerras e das várias desordens às quais o nome da Rússia esteve três vezes ligado, a Aparição acrescenta: «Para acabar com estes males, virei pedir a comunhão reparadora dos primeiros sábados e a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração.

Nenhum dos três pastorinhos compreendia a palavra Rússia. Deviam interrogar-se sobre o que seria este monstro tão poderoso para assim transitar o Mundo. Todavia não resta dúvida de que esta revelação junto ao pensamento dos cruéis espinhos cravados no coração da sua Mãe do Céu, deve ter feito crescer o fervor dos videntes na sua prece e sacrifícios e também o seu zelo por consolar o Coração Imaculado, a fim de converter esse país (ou esse monstro), converso que deveria trazer a Paz à Terra conforme a claríssima promessa final que termina o grande aviso.

Jacinta, à vista deste coração tão maternal e tão doloroso, sentiu-se inflamada de um grande amor por ele, a tal ponto que quase invejou Lúcia. Conso-lou-a por ser obrigada a retardar a sua entrada no Céu falando-lhe da felicidade que haveria de sentir por viver cá em baixo sob a direcção deste coração tão bom que seria o caminho seguro para a levar a Deus.

Quando ficou sòzinha na Terra, Lúcia guardava preciosamente as suas recordações. Como poderia ela esquecer, nos Conventos de Tuy ou de Pontevedra, as últimas palavras da sua angélica prima ao dizer-lhe adeus quando foi para Lisboa onde havia de morrer? Jacinta encontrara-a na sua bela vocação de tornar conhecidas as riquezas do Coração Imaculado e as Suas promessas de Paz. Pensava muitas vezes neste conselho da criança: «Quando tiveres de falar, não deves ocultá-lo. Tens de dizer a toda a gente que os homens devem pedir a Paz ao Coração Imaculado porque Deus lha confiou.»

O momento em que ela teve de falar foi indicado à religiosa por muitas aparições que eram o cumprimento da promessa feita pela Senhora oito anos antes, de vir, em tempos difíceis, pedir a devoção ao Imaculado Coração. Efectivamente, a noviça, depois religiosa professa, foi muitas vezes visitada por Nossa Senhora que nunca veio só mas acompanhada pelo Seu Divino Filho. Nesses encontros eles precisaram as condições da comunhão reparadora e da consagração da Rússia às quais estava condicionada a promessa da conversão daquele país e da paz do Mundo.

Nas poucas cartas da vidente, já publicadas, encontram-se testemunhos da tristeza que enchia o seu coração por causa das dificuldades que ela encontrava para tornar conhecidas as vontades do Céu e seguidamente perante o pouco fervor e zelo em cumpri-las quando conseguiu fazê-las conhecer.



Aos dez anos a Senhora tinha-lhe anunciado que ela teria muito que sofrer mas que a graça de Deus havia de ampará-la sempre. Que sofrimento para a antiga pastora ver como tão poucos homens tinham em conta os desejos da Rainha da Paz e do Seu Filho!

Para poder falar publicamente da comunhão reparadora teve de esperar catorze anos (1925-1939). Antes do Santo Padre fazer a consagração da Rússia ao Imaculado Coração, passaram-se treze anos sobre a sublime visão em que lhe tinha sido intimada a ordem de transmitir o pedido ao Soberano Pontífice (1929-1942). Não se queixava senão aos Santíssimos Corações de Jesus e de Maria, mas disse algumas vezes que a demora em obedecer ao Céu tinha agravado os desgostos divinos, sobretudo quando anunciou, em 1939, de que a guerra com que a Virgem já tinha ameaçado o Mundo, seria «horrível, horrível» por causa de todas estas demoras.

Entretanto os combates dessa «horrível» guerra tinham chegado ao fim. No dia 13 de Maio de 1946, Pio XII, agradecendo este armistício ao Coração Imaculado de Maria ao qual consagrara o Mundo e a Rússia, quis coroar Nossa Senhora de Fátima como Rainha do Mundo e da Paz, por meio de um Cardeal Legado.

No ano seguinte, a Irmã Lúcia, com vista a uma reconciliação universal, encoraja a peregrinação através do Mundo de uma imagem da Virgem esculpida segundo as suas indicações. No Céu, Francisco e Jacinta unir-se-iam, por certo, às suas preces para que esta volta fosse o triunfo do Imaculado Coração.

Com efeito, a passagem de Nossa Senhora através das fronteiras, que tinha parecido uma utopia aos prudentes do Mundo, produziu maravilhosos frutos de fraternidade internacional, de desarmamento moral, tão necessário depois desta longa guerra que bem se pode classificar de mundial.

O Papa, feliz com as notícias que recebia, exprimia frequentes vezes a sua gratidão à Rainha da Paz: «Sob o olhar da Virgem Peregrina — dizia — já não existem antagonismos de raças ou de nacionalidades que dividem; já não há diversidades de fronteiras que separam; já não há interesses contrários a opor os Seus filhos; todos, nesses momentos, se sentem felizes por serem irmãos. Espectáculo singular e singularmente impressionante que faz conceber as mais risonhas esperanças» (alocução radiodifundida na Clausura do Ano Santo Mundial, 13 de Outubro de 1951).

Desde então, apesar da carregada nuvem negra que assombra o horizonte nas bandas do Extremo Oriente, têm-se verificado muitos sinais de abrandamento da guerra fria e, por conseguinte, do perigo de guerra atômica entre os dois mundos que se chamam Leste e Ocidente.

Sua Santidade Paulo VI, ao renovar a consagração do Mundo ao Imaculado Coração e sobretudo ao vir aqui e ter convocado a Irmã Lúcia para rezar pela Paz na Cova da Iria onde os pequenos videntes receberam a sua missão de Paz, reavivou as esperanças do mundo cristão. E nós vemos, com alegria, muitas nações «aniquiladas» pelo marxismo ateu readquirirem uma após outra a sua autonomia, para o maior bem dos seus povos e da religião durante tanto tempo oprimida.

Não é ainda, bem o sabemos, o triunfo do Imaculado Coração, prometido aos pastorinhos há mais de cinquenta anos. Estejamos certos, porém, de que cada cristão que imitar o seu zelo em obedecer aos desejos de Nossa Senhora, colaborará na obra da Paz mundial e merecerá, como eles, a bem-aventurança evangélica: «Bem-aventurados os operários da Paz porque serão chamados filhos de Deus».



Os três pastorinhos de Fátima, recebem a visita do Anjo da Paz.



# NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

## PRESERVOU PORTUGAL DA GUERRA 1939-1945

JOÃO VITÓRIA

Em seu opúsculo *SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA POLÍTICA EXTERNA PORTUGUESA DURANTE A GUERRA*, colectânea de magistrais artigos, o escritor Augusto de Castro, na pág. 54, escreve:

«Um enigma está ainda vivo: porque é que Hitler, que duas vezes planeou a invasão da Península, se deteve nos Pirinéus?»

«Temos, numa imensa maioria, a ideia de que a neutralidade e a paz nos caíram do céu.»

Quanto a nós, no primeiro caso, não há bem um enigma mas antes uma série de factos a exigirem uma interpretação espiritualista; no segundo, aceitamos realmente que a neutralidade e a paz nos hajam caído do céu — não, porém, totalmente, no sentido que parece ser-lhe atribuído pelo *emérito* jornalista.

Para fundamentar o nosso ponto de vista, procuraremos tratar da matéria, com suficientes dados históricos, dentro da ambiência circunstancial em que evoluíram, apresentando-os ou interpretando-os, com apoio, em boa parte, no citado opúsculo, nos seguintes pontos:

- 1.º Hitler muito interessado em ocupar os Açores, não executa, porém, seus planos.
- 2.º Veleidades de ocupação dos Açores pelos Aliados, com desrespeito à neutralidade portuguesa.
- 3.º Os Aliados valem-se dos Açores, após acordo livremente negociado com Portugal.
- 4.º Importância e eficácia do Bloco Peninsular.
- 5.º Cinco perguntas a serem respondidas.
- 6.º Resposta às cinco perguntas anteriormente apresentadas.
- 7.º Conclusões.

Tentemos, agora, estudar suficientemente a questão para chegarmos a conclusões que reputamos convincentes. Mas, principiemos por nos situar no ambiente histórico em que nos vamos mover.

A 1 de Setembro de 1939, a Alemanha ataca a Polónia, pretextando a restituição do Corredor de Dantzig, que lhe fora arrebatado pelo Tratado de Versaillles. A França e a Inglaterra apoiam a Polónia, declarando guerra à Alemanha.

Na verdade, a Polónia lutou sôzinha e não resistiu mais que três semanas. A 28 de Setembro sofria a quinta partilha, ficando dividida entre a Alemanha e a Rússia. Enquanto isso, França e Inglaterra preparavam-se para enfrentar Hitler mas aguardavam que este tomasse a iniciativa.

O Fuehrer permaneceu sem atacar, vários meses, quando a partir de 9 de Abril de 1940, conquista os países nórdicos para, a 10 de Maio, invadir a Holanda, a Bélgica e a França. Esta é esmagada com uma rapidez incrível. A 22 de Junho depunha as armas. A Inglaterra perdera na França todo o seu armamento. Hitler hesita em invadi-la. Quando a tanto se resolveu, os ingleses resistiram heróicamente e Hitler desistiu da tentativa.

O enredo do assunto de que nos vamos ocupar inicia-se nesta altura. Hitler dominava a Europa e pretendia dominar o Mundo. Ele parecia realmente invencível.

1.º HITLER MUITO INTERESSADO EM OCUPAR OS AÇORES, NÃO EXECUTA, PORÉM, SEUS PLANOS.

Ambos os campos em luta tinham os olhos postos nos Açores. Os motivos que induziam os Aliados a cobijá-los eram idênticos aos de Hitler. Para este, a posse do arquipélago lhe proporcionaria excelente base para os submarinos operarem, mais segura e eficazmente, nos ataques às rotas marítimas por onde transitavam os abastecimentos americanos, absolutamente necessários aos russos. Ao estourar a guerra, em Setembro de 1939, a Alemanha fizera saber ao Governo Português, de ela «estar na disposição de respeitar a integridade de Portugal e das suas possessões ultramarinas em caso de neutralidade», (Salazar, *DISCURSOS*, III, pág. 181).

Preocupava, então, Hitler a possibilidade de os ingleses, valerem-se dessas ilhas invocando a velha Aliança entre a Inglaterra e Portugal, em vigor desde 16 de Junho de 1373.

Esta, a grande razão porque Hitler em 1940, por duas vezes, encarou a possibilidade da tomada de Gibraltar, o que teria acarretado seguidamente a ocupação de Portugal, como alvo final dessa penetração.

A primeira vez, quando da conferência germano-italiana, a 21 de Janeiro, Hitler esforçou-se por obter os bons serviços de Mussolini, no sentido de este conseguir de Franco a entrada da Espanha na guerra ao lado dos alemães. A segunda consistiu na iniciativa de o próprio Fuehrer alcançar tal objectivo, ao se encontrar em Hendaia com o Generalíssimo Franco, a 23 de Outubro do mesmo ano.

Dando-se conta da persistente negativa de Franco em admitir que os alemães se servissem da Espanha para se apoderarem de Gibraltar, Hitler concebeu, pura e simplesmente, a eventualidade da invasão deste país.

Estamos informados das medidas projectadas por Hitler para se apoderar das ilhas atlânticas portuguesas, porque instruídos pelo «dossier» intitulado *CRIMINOSOS DA GUERRA*, no Tribunal de Nuremberga. Foi o jornalista Raymond Cartier, em seu livro *Os Segredos da Guerra Desvendados em Nuremberga*, quem nos deu a conhecer os principais excertos do aludido processo.

Elucida-nos Augusto de Castro, o informador destes e de outros pormenores do nosso trabalho, que um dos capítulos do citado livro tem por título: *PORQUE HITLER NÃO DESEMBARCOU NA INGLATERRA E NÃO TOMOU GIBRALTAR*. É por ele que nós sabemos que Hitler, após desistir definitivamente, a 12 de Novembro de 1940, de invadir a Inglaterra, traçava a «directriz» N.º 18, nesse mesmo dia, referindo-se à França, mas particularmente à Espanha, Gibraltar e Portugal. Pensava o Fuehrer apoderar-se de Gibraltar, fechar o Estreito e impedir



que os ingleses desembarcassem na Península, seguindo-se depois a invasão de Portugal e a posse consequente dos Açores e Cabo Verde.

Hitler, porém, não conseguiu de Franco a liberdade de acção, tão empenhadamente solicitada, para operar na Península. Por outro lado, o seu estado maior naval e aéreo era contrário a essa tentativa, no referente às ilhas portuguesas, por motivos estratégicos, tendo-se sobretudo a certeza de que Portugal defenderia intransigentemente suas ilhas e seria nisso ajudado valiosamente pelos Aliados.

O Fuehrer hesitou e, nesse entretanto, foi atraído pela Itália na aventura dos Balcãs, após o insucesso de Mussolini, com a invasão da Albânia a 2 de Março de 1941. Hitler premeditava invadir a Espanha e Portugal, depois de terminada a campanha dos Balcãs. Em vez desta invasão, deu-se a da Rússia, a 22 de Junho de 1941. A Península, mais uma vez, sentiu-se livre das botas hitlerianas.

## 2.º VELEIDADES DE OCUPAÇÃO DOS AÇORES PELOS ALIADOS, COM DESRESPEITO À NEUTRALIDADE PORTUGUESA

Em princípios de 1941, as operações submarinas lançadas por Hitler, com a maior intensidade, muito preocupavam os Aliados. A estes, poderiam os Açores facilitar, maravilhosamente uma acção defensiva e ofensiva contra os nazistas. De facto, quem olhar para o Atlântico Norte, verá logo que essas ilhas ocupavam posição privilegiada para quem delas usasse: os alemães, para mais comodamente atacar os comboios dos Aliados, mormente depois que a Alemanha invadira a Rússia, estando esta a depender grandemente dos abastecimentos americanos; os ingleses para se defenderem das agressões alemãs e garantirem-se rotas marítimas dos próprios ingleses.

Os Açores, portanto, cobçados por uns e por outros, encontravam-se em situação delicadíssima. Portugal via-se entre dois fogos, a perguntar-se qual deles mais recear. E pensando bem, declarou-se neutro. Esforçava-se de escapar aos inimigos e aos «ditos» amigos, embora preso à Inglaterra pelo famoso tratado de 1373, jamais denunciado, se bem que de nada tenha valido a Portugal, em mais de uma circunstância em que devesse ser aplicado a nosso favor. Muito acertadamente tinha o Governo Português para si, que não era ele o primeiro a invocá-lo. Não nos encontrávamos mais em 1916.

Além desses dois cobçados apareceu um terceiro: os americanos. Nesta altura eles ainda não eram beligerantes e procederam, segundo observadores, de um modo infantil e imprudente. O petisco lhes apetecia e, por isso, sentiam-se legitimados para abocanhá-lo.

A 6 de Maio de 1941, seis meses antes de os Estados Unidos entrarem na guerra, o senador americano Pepper, em pleno Senado, convidava o seu Governo a ocupar os Açores e Cabo Verde. Poucos dias depois, era o próprio presidente Roosevelt a pronunciar um discurso em que a neutralidade portuguesa ficava ameaçada ainda que veladamente. Mais grave ainda foi a ordem, emanada de Roosevelt, a 24 de Maio do mesmo ano, encarregando os chefes do seu Estado Maior de organizarem um plano de ocupação dos Açores. Seria, na linguagem bélica dos Aliados, a OPERATION LIFE BUOY (boia da salvação).

O Governo Português ia tomando conhecimento destes intentos, protestava veementemente contra semelhantes veleidades e fazia seguir para aqueles arquipélagos uns 80 000 homens, tão armados quanto podiam ser, na firme disposição de resistir a qualquer invasor que tentasse desembarcar. Hitler, enquanto isso, assentava seus arraiais nos Pireneus e a invasão da Península podia tornar-se iminente.

A decidida atitude do nosso Governo demoveu, naquela altura, toda a tentativa de desembarque nas ilhas, fosse por parte dos Aliados fosse por parte dos alemães. A cedência dos Açores aos Aliados tinha de ser encarada por nós com a máxima cautela, na própria vantagem deles. Se tal se tivesse efectuado, Hitler a poderia ter considerado como provocação, com o risco de ser a Península invadida, de um momento para o outro, o que absolutamente não convinha aos Aliados. Salazar, ao reter os Açores estranhos à contenda, defendia-se a si próprio mas poupava, igualmente, os Aliados, o que eles não deixaram de reconhecer posteriormente.

## 3.º OS ALIADOS VALEM-SE DOS AÇORES, APÓS ACORDO LIVREMENTE NEGOCIADO COM PORTUGAL

Concomitantemente, sucederam-se ocorrências diversas a alterarem os planos prefixados pelos beligerantes. Assim, Hitler, numa decisão arriscadíssima e que a princípio parecia acertada pelos retumbantes êxitos iniciais, invadia a Rússia a 22 de Junho de 1941, rompendo sem prévio aviso, o tratado de não agressão firmado com este país, uma semana antes de começar a guerra.

Em princípios de Julho desse mesmo ano, Roosevelt penitenciava-se, numa longa e amável carta a Salazar, de suas veleidades, tornadas públicas, de ocupar os Açores. Tentava desfazer os mal entendidos surgidos havia pouco tempo entre os dois governos. Nesta carta, o Presidente garantia ainda que os Estados Unidos respeitariam a soberania portuguesa em suas possessões metropolitanas, insulares e ultramarinas. Entretanto, o almirante Leahy diz-nos em suas MEMÓRIAS que, a 13 de Outubro de 1942, lord Halifax informava-o que os ingleses tencionavam negociar com Portugal a ocupação das ilhas dos Açores pelos Aliados e que estes recorreriam à força, caso necessário.

Simultaneamente a essas notícias, a propaganda tanto a da Alemanha como a dos Aliados acusava-se reciprocamente de se estar preparando a ocupação das ilhas.

A 8 de Novembro de 1942 efectuava-se, dentro da maior surpresa, o desembarque de tropas americanas e britânicas no Norte da África. Os governos americano e britânico informaram, no momento exacto das operações, a Salazar e Franco do que estava a suceder, com as mais categóricas promessas de respeito à neutralidade portuguesa e espanhola no respeitante às metrópoles e respectivas possessões insulares e ultramarinas.

Pouco depois deste importantíssimo acontecimento, Churchill vai à América em que é realizada a TRIDENT CONFERENCE, na qual volta a falar-se numa «operação» para ocupar os Açores. Nestes começos, a Inglaterra toma a iniciativa de negociar diplomaticamente a questão conosco. Era o caminho acertado, consoante depôs Salazar na Assembleia Nacional, a 26 de Novembro de 1943:

«Não é senão justiça reconhecer que desde o começo do conflito, ainda nos momentos mais escuros e difíceis, Portugal não deixou nunca de marcar, com simplicidade e sem reticências, por uma espécie de pundonor e honra nacional, a sua fidelidade à aliança inglesa. Mas a dificuldade do problema provinha de que a política fundamental da aliança tinha sido, por bem entendida extensão dos nossos interesses de nação peninsular e atlântica, completada, mas também por isso mesmo complicada, com outras amizades e com a existência de novos factores. O pedido britânico tinha pois de situar-se no quadro integral da nossa política externa» (DISCURSOS, IV, pág. 33).



## NOSSA SENHORA DE FÁTIMA PRESERVOU PORTUGAL DA GUERRA

O problema era, pois, mais que delicado, porquanto convinha satisfazer os Aliados, tendo em vista os altos interesses nacionais a que se devia acrescentar o respeito ao tratado de 1939 com a Espanha, sem quebrar a neutralidade ou pelo menos evitar as possíveis retaliações, muito do feito de Hitler. As negociações foram demoradas e difíceis, mas, por fim, chegaram a bom termo. Deste modo, o acordo foi assinado a 17 de Agosto de 1943, para ter início de execução a 8 de Outubro seguinte.

Salazar obtinha um triunfo diplomático dos mais importantes de que reza a história portuguesa: mantinha a aliança com a Inglaterra numa neutralidade colaborante, garantindo-se um auxílio eficaz, se necessário, e não atraía as represálias hitlerianas; resguardou, com toda a dignidade, a soberania da Nação Portuguesa; não feriu o aludido tratado com a Espanha. Tal acto, pela oportunidade do momento e pela maneira como fora executado, constituiu um grande serviço prestado por Portugal aos Aliados. Se esse acordo houvesse sido celebrado em 41-42 teria certamente provocado a invasão da Península pelos alemães e o destino da guerra teria sido outro.

#### 4.º IMPORTÂNCIA E EFICÁCIA DO BLOCO PENINSULAR

Um factor teve a mais alta importância no desenrolar das operações desta guerra de 39-45: o Bloco Peninsular pela sua oportunidade e eficácia, fruto do génio político e da sagacidade diplomática de Salazar e Franco.

Constituiu, sem contestação possível, dos empecilhos mais sérios com que Hitler deparou e, provavelmente, com que não contava. Franco muito lhe devia. Ele e Salazar, por motivos óbvios, não podiam simpatizar com a Rússia comunista, agora aliada da América e da Inglaterra. Mas os dois eminentes políticos previram com extraordinária clarividência, que a acção salvadora para ambos ainda que à custa de inevitáveis riscos, seria ligar os dois destinos permanecendo neutros e unidos.

Logo depois das lutas civis, e antes da guerra ter rebeitado, Portugal e Espanha assinaram, a 17 de Março de 1939, o Tratado de Amizade e não agressão, completado, em 29 de Julho de 1940, pelo Protocolo Adicional.

Tudo funcionou perfeitamente: houve sempre o mais cordial e leal entendimento entre os dois estadistas, mediante contactos directos e esclarecedores, bem como medidas cauteladoras, simultaneamente tomadas, depois de previamente combinadas. Foi por isso que se dera, a 11 de Fevereiro de 1942, o encontro de Salazar e Franco em Sevilha e, mais tarde, entre Salazar e Jordana, ministro das Relações Exteriores de Espanha, em Ciudad Rodrigo, nos princípios de Outubro de 1943.

Deste modo, Franco retinha Hitler nos Pirenéus e Salazar impedia que ele chegasse aos Açores e Cabo Verde. O Bloco Peninsular funcionou admiravelmente bem: nem os Aliados nem Hitler ousaram rompê-lo.

#### 5.º CINCO PERGUNTAS PARA SEREM RESPONDIDAS

Nesta emaranhada sucessão de factos há forçosamente alguns deles difíceis de serem entendidos e outros, talvez inexplicáveis, se nos ativermos tão unicamente à exterioridade dos acontecimentos. É o que motiva as cinco perguntas que passamos a formular:

**PRIMEIRA PERGUNTA:** Começemos pela não ocupação dos Açores. Esta base teria sido para Hitler de suma importância, como deixámos dito, pois constituía a chave mestra, para o domínio do Atlântico Norte. Poder-se-ia

até estranhar que Hitler não tivesse procurado apoderar-se daquelas ilhas logo no início da guerra, quando no auge de seu poderio tudo parecia cair-lhe nas mãos a um acenar seu. Nesse momento Portugal teria resistido, sem dúvida alguma, mas teria sido uma resistência meramente simbólica, pois os seus recursos eram diminutos e os Aliados não estavam em condições de ajudá-lo de modo eficiente. Hitler sabia disso muito bem. Então, como explicar a sua inactividade?

**SEGUNDA PERGUNTA:** Teremos em seguida a resistência de Franco. Provavelmente Hitler não a esperava, pois ele muito o ajudara na guerra da libertação nacional. Mas, sem o seu consentimento, como apoderar-se de Gibraltar? E sem este bastião, como fechar o Estreito, ponto básico de sua estratégia nesta zona? Admira-nos, por outro lado, como ousou Franco opor-se ao poderio hitleriano, quando ainda tudo parecia submeter-se ao querer do Fuehrer. Foi nesta emergência que o Bloco Peninsular teve uma das suas maiores aplicações em eficácia e oportunidade. Apesar da debilidade da Espanha que se encontrava sangrada ao máximo, e apesar do limitado poderio de Portugal, ainda assim Hitler hesitou e não agiu: ante ele levantava-se o Bloco coerente e decidido. Na sua aparente fraqueza, era forte. Mas, quem lhe dava semelhante fortaleza?

**TERCEIRA PERGUNTA:** Apontemos agora a famosa «directriz n.º 18», elaborada num momento em que Hitler ainda dispunha de liberdade de acção: esmagada a França, prostrada a Inglaterra, embora não vencida; desaparecida a Polónia; em paz com os Estados Unidos; em sossego com a Rússia; estimulada pela Itália, mal se compreende que as forças alemãs não tivessem irrompido Espanha dentro para somente pararem nas costas atlânticas portuguesas. Por certo, que o destino da guerra teria sido diferente se tal houvesse acontecido. E aqui também surge a dúvida: e por quê Hitler, em circunstâncias aparentemente tão favoráveis, não invadiu a Espanha e, conseqüentemente, Portugal?

**QUARTA PERGUNTA:** Causa igualmente admiração que Hitler não haja cometido nenhuma retaliação contra Portugal, sobretudo depois de cedidos os Açores às forças americanas e britânicas. É verdade que nessa altura Hitler já andava assoberbado com numerosas dificuldades e, talvez, não dispusesse de recursos suficientes para tanto. Mesmo assim, mormente em se tratando de Hitler, algumas dezenas de aviões bem podia ele ter enviado contra as ilhas e algum submarino sempre lá poderia ter marcado a sua desagradável presença, ainda que esporadicamente. É certo que Portugal e os Aliados tinham encarado tal eventualidade, por ser de esperar. Mas, por quê não se deu?

**QUINTA PERGUNTA:** Esmiuçando-se bem esses acontecimentos e conhecendo-se os intentos de uns e de outros, com as suas respectivas forças, ficamos deveras surpreendidos com a segurança, a oportunidade e a habilidade com que Salazar e Franco enfrentaram a situação. Nasceria a precisão das atitudes de ambos com o aparecimento do Bloco Peninsular e no perfeito entendimento entre esses dois eminentes homens de governo. Em seguida, a oportunidade das medidas de conjunto, por eles tomadas com a devida dose de clarividência e realismo políticos. Mas, como explicar este como profetismo desapoado das armas, que as não tinham, e sempre sob o perigo de interesses contraditórios de inimigos reais e de amigos a inspirarem desconfiança?

#### 6.º RESPOSTA ÀS CINCO PERGUNTAS ANTERIORMENTE APRESENTADAS.

Às perguntas que acabamos de formular e a outras que poderiam ser apresentadas, bastará uma resposta, porquanto



é a única, mas que satisfaz plenamente: Em tudo isso pairava a mão carinhosa e protectora de Nossa Senhora que velava por Portugal.

De facto, ao contemplar o desenvolvimento dos sucessos decorridos, não se lhes descobre, por vezes, como nos casos apontados, o porquê de sua evolução. As razões que os motivaram na sua acção impulsora, não se vêem continuadas em suas decorrências naturais. Há uma como que suspensão entre causa e efeito. Sente-se algo a intervir e a desviar o curso normal dos acontecimentos. Mas, se à cognoscibilidade humana escapa a interpretação de certos fenómenos, como os aludidos, nem por isso estes deixam de dar-se devidamente motivados, porquanto a unidade de causa e de fim é uma realidade em todos os acontecimentos. A metafísica da história diz-nos que existe um Ser Supremo que tudo dirige e decide.

Os cépticos quedam-se não sabendo o que pensar e referem-se ao destino, à fatalidade, ao acaso. Os crentes reportam-se à Providência que, em seus segredos imperscrutáveis, tudo rege e governa, com sabedoria e misericórdia.

Para nós, providencialistas, tudo o que vem nas cinco perguntas apresenta uma compreensão grandemente facilitada, se levarmos em conta o seguinte duplo acontecimento e o que se lhe segue:

1.º A 13 de Maio de 1936, o Episcopado Português faz voto de ir a Fátima colectivamente em peregrinação, como agradecimento, se Nossa Senhora preservasse Portugal do comunismo, com ameaças de se estabelecer em Espanha;

2.º A 13 de Maio de 1938 lá estava o Episcopado a cumprir o voto, pois Portugal escapara ao comunismo.

Durante toda a guerra 39-45 não houve momento em que os corações portugueses não se dirigissem à Virgem, implorando-Lhe a Sua protecção. Entrementes, assinalam-se as seguintes ocorrências:

Na carta de Lúcia a Pio XII, a 2 de Dezembro de 1940, lemos:

«Nosso Senhor promete, em atenção à consagração que os Exmos. e Revmos. Prelados Portugueses fizeram da Nação ao Imaculado Coração de Maria, uma protecção especial à nossa Pátria durante esta guerra, e que esta protecção será prova das graças que concederia às outras nações se, como ela, lhe tivessem sido consagradas», (Sebastião Martins dos Reis, SÍNTESE CRÍTICA DE FÁTIMA, pág. 111).

A 31 de Outubro de 1942 é Pio XII que, em sua Radiomensagem, na festa do primeiro jubileu das Aparições, disse:

«Invoquemo-La (Nossa Senhora) mais uma vez, que só Ela nos pode valer! Ela, cujo Coração materno se comoveu perante as ruínas que se amontoavam na vossa pátria e tão maravilhosamente a socorreu. Ela que, condóida na previsão desta imensa desventura, com que a justiça de Deus penitencia o mundo, já de antemão apontava na oração e na penitência o caminho da salvação. Ela não nos há-de negar a ternura materna e a eficácia do seu patrocínio.»

A 13 de Maio de 1946, quando da coroação da Virgem de Fátima, é ainda o mesmo Soberano Pontífice a dizer, perante o mundo inteiro, na plena autoridade de Pastor Universal, em sua Radiomensagem:

«A mais tremenda guerra que nunca assolou o Mundo, por quatro longos anos rondando as vossas fronteiras, mas não as ultrapassou, graças sobretudo a Nossa

Senhora que deste seu trono de misericórdia, como de sublime atalaia, colocada aqui no centro do País, velava sobre vós e por vossos governantes e nem permitiu que a guerra vos tocasse senão o bastante para melhor avaliardes dessas calamidades de que Sua protecção vos preservara.»

Como segundo depoente, em que fica citada Lúcia, apresenta-se-nos o cardeal Patriarca de Lisboa, que a 11 de Fevereiro de 1967, em Roma, numa sessão preparatória do 50.º Aniversário das Aparições em Fátima, pronunciou uma conferência em que há estas palavras que irão no próprio texto em que foram proferidas:

«Mais je peux ajouter que l'imminence de cette guerre avec sa violence et son extension fut communiquée à l'évêque de Leiria sept mois avant son commencement. En effet, j'ai eu dans ma main la lettre du 6 février 1939, où la voyante disait imminente (elle a écrit éminente) — la guerre prédite par Notre-Dame — et promettait la protection de Notre-Dame au Portugal — grâce à la consécration à son Coeur Immaculé faite par l'épiscopat portugais.

J'ignore le destin de cette lettre. Mais j'en possède un résumé, fait de la main de l'évêque de Leiria, daté du 24 octobre suivant, avec le timbre de la poste, qui dit: — Le principal châtiment sera pour les nations qui ont voulu détruire le royaume de Dieu dans les âmes. Le Portugal est aussi coupable et en souffrira quelque chose, mais le Coeur de Marie le protégera; le bon Dieu espère que le Portugal répare et prie pour soi et pour les autres nations» (DOCUMENTATION CATHOLIQUE, 19[3]67)



O homem «providencial» com Paulo VI, em Fátima, 13 de Maio de 1967.

E, por fim, evoquemos aquele que foi o cérebro condutor de toda esta peça diplomática, geratriz de nossa neutralidade salvadora. Em dois momentos oficiais no início e no fim do intervalo de seis anos, que tanto durou a guerra, mostra Salazar sua crença na Providência, no andamento dos sucessos humanos:

(continua na página 23)



Os devotos  
agentes da  
ordem



Nunca se viu  
tanta gente  
em mês igual

## PEREGRINAÇÃO DE 13 DE SETEMBRO

A peregrinação de Setembro distinguiu-se pelo número impressionante de participantes, não usual em igual época de outros anos. O tempo favoreceu a afluência de peregrinos de todas as partes do País e de muitos países da Europa e das Américas. De notar a presença de mais de 500 ferroviários franceses que estavam em Fátima desde o dia 9 a participar num congresso da sua agremiação. Também a Polícia de Segurança Pública organizou nesta altura a sua décima peregrinação nacional. De todos os pontos do País vieram centenas de agentes da P. S. P. acompanhados por muitos familiares. Chefes e graduados acompanharam os piedosos defensores da ordem. Acompanharam-nos particularmente o brigadeiro Tristão Carvalhais, comandante da P. S. P. e os comandantes distritais. Presidiu à peregrinação o capelão-chefe, padre Lúcio do Rego Marçal, que pregou à homilia da missa do dia 13.

Na véspera à noite realizou-se a procissão eucarística a que se seguiu a adoração nocturna do Santíssimo Sacramento. Por via do grande número de peregrinos a esplanada mostrou o aspecto

## NOTÍCIAS DE FÁTIMA

luminoso das grandes noites de vigília. No dia 13, às 10 horas foi rezado o terço junto da Capelinha das Aparições. A imagem de Nossa Senhora foi transportada processionalmente para o alto da escadaria, ficando ao lado do altar onde foi celebrada a missa da peregrinação.

O padre Lúcio Marçal, que pregou, falou do sentido cada vez

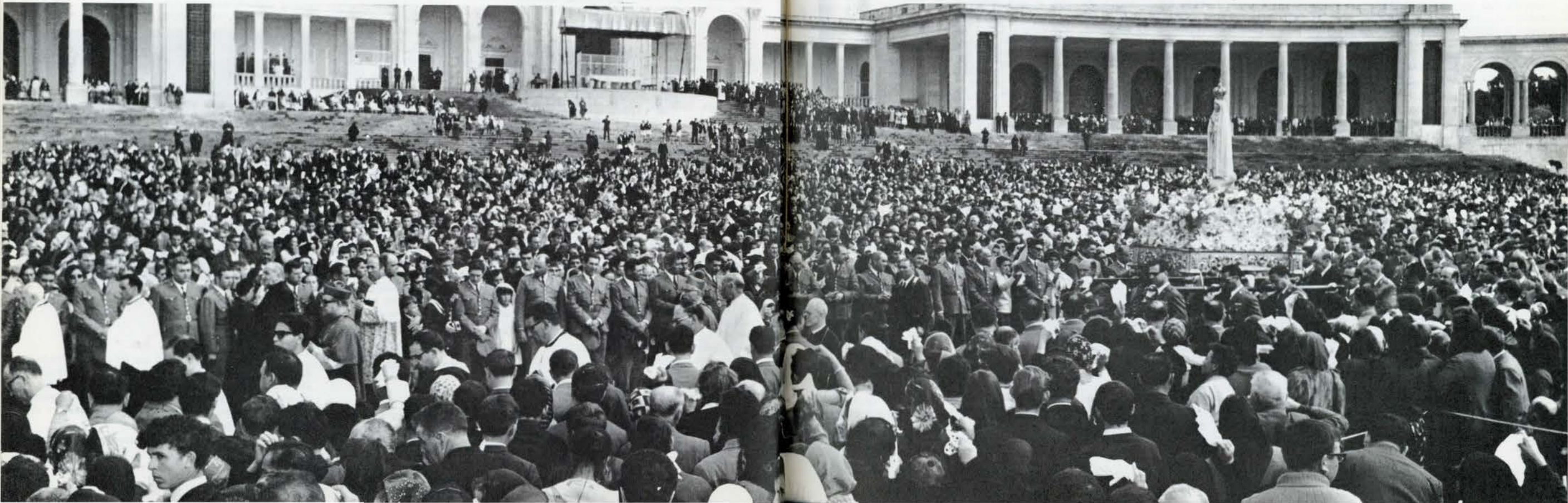
mais actual da Mensagem de Fátima, mensagem de paz para todos os homens. Dirigindo-se particularmente aos agentes da P. S. P., pôs em relevo o paralelo que há entre a sua missão de defesa dos cidadãos e a missão dos Anjos de Deus que guardam os homens. Esta missão faz parte da Mensagem de Fátima na medida em que a Mensagem é um chamamento aos homens para entrarem no bom caminho, no caminho por onde com segurança alcançarão a vida eterna.

O senhor Bispo de Leiria, que presidiu a esta peregrinação, dirigiu umas breves palavras finais a todos os peregrinos, especialmente, entre os estrangeiros, aos ferroviários franceses. A todos recordou o último Congresso Eucarístico Internacional em que participara, tendo levado à Colômbia uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, e pediu orações pelo Santo Padre, por todos os devotos de Nossa Senhora de Fátima e por todos os peregrinos presentes.

O senhor D. Domingos de Pinho Brandão, bispo auxiliar de Leiria, deu a bênção com o Santíssimo Sacramento aos doentinhos. A peregrinação terminou com a pro-



Bênção dos doentes







Bispos nacionais e estrangeiros em 13/9/68

cissão do «Adeus», sendo o andor com a imagem de Nossa Senhora levado para a sua capelinha aos ombros de graduados da P. S. P.

Supõe-se que se reuniram na Cova da Iria, para esta peregrinação, umas 100 000 pessoas, tendo comungado cerca de 30 000, número considerável.

## XIX SEMANA GREGORIANA

Sob o patrocínio do sr. Bispo de Leiria e do sr. Cardeal Patriarca, realizou-se em Fátima, na Casa de Retiros Nossa Senhora das Dores, a XIX Semana de Canto Gregoriano. O primeiro dia de actividades foi em 21 de Setembro, com exames de admissão e de passagem aos graus seguintes. Na noite desse mesmo dia realizou-se a sessão oficial de abertura.

A semana incluiu aulas de Canto gregoriano, canto polifónico e liturgia. Como prática dos conhecimentos ministrados e adquiridos, diariamente era celebrada missa comunitária e foram cantadas três missas solenes. Também diariamente era cantado o Ofício de Completas.

Colaboraram os seguintes professores nacionais e estrangeiros: o distinto Director do Instituto Gregoriano de Paris, dr. Auguste Le Guennant; Jos Lennards, Director do Lennards-Institut da Holanda; D. Júlia d'Almendra, Direc-

tora do Centro de Estudos Gregorianos de Lisboa; D. Isabel Maria da Silva Nunes, Professora e Inspectora oficial de Canto Coral; Rev. Padre Joaquim de Oliveira Bragança, diplomado pelo Instituto Superior de Liturgia de Paris; Cónego Dr. Manuel Ferreira Faria, diplomado pelo Pontifício Instituto de Música Sacra de Roma, professor do Seminário Conciliar de Bragança, e o Rev. Cónego Mário Brás, diplomado pelo Instituto Gregoriano de Paris, professor do Seminário de Bragança.

Esta «Semana» teve carácter internacional, pois além dos alunos portugueses, outros houve vindos do estrangeiro, como da Escócia, Holanda e França.

No programa religioso desta Semana de Estudos foram celebradas três missas cantadas, sendo uma em honra de Nossa Senhora, outra de «Requiem» por alma do antigo Bispo de Leiria Sr. D. José Alves Correia da Silva, e a missa solene de encerramento, que foi uma concelebração presidida pelo Sr. D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria e Presidente da Comissão Episcopal de Música Sacra, tendo como concelebrantes o Rev. Cónego Mário Brás e o Rev. Dr. Joaquim de Oliveira Bragança, professores da «Semana». Nesta missa, além do «Próprio» em canto gregoriano, foram cantados o «Sanctus» de Filipe de Magalhães e o «Aguns Dei» de Manuel Cardoso. Durante a acção de graças, o belíssimo «Magnificat» de Duarte Lobo alternado com o 3.º tom salmódico.

O Sr. D. João Pereira Venâncio fez no final da missa uma alocução na qual focou a impor-

portância da realização da XIX Semana Gregoriana de Fátima, felicitando a organizadora, D. Júlia de Almendra, os professores estrangeiros e nacionais pelo seu exemplo de doação à causa do ensino do canto litúrgico e pelo alto nível artístico revelado na execução do canto gregoriano e das obras polifónicas cantadas nessa missa. O Senhor Bispo de Leiria comunicou, então, o telegrama recebido que trazia aos participantes da Semana Gregoriana de Fátima a Bênção Apostólica nos seguintes termos: «Sumo Pontífice agradecendo telegrama adesão directrizes pontificias fidelidade tradições Igreja, concede participantes XIX Semana Gregoriana Fátima penhores assistência divina estudo canto litúrgico Bênção Apostólica.»

Merecem ainda referência um ciclo de conferências realizado pelos professores Lennards, Le Guennant, Dr. Bragança e Dr. Manuel Faria, respectivamente, sobre «O Gradual Simplex e o Gradual Romano», «Aspectos positivos e negativos do «aggionamento» litúrgico», «A profissão baptismal», e a «Reunião Romana do Consociação Internationalis Musicae Sacrae», trabalhos de grande interesse espiritual, técnico, histórico, de grande oportunidade. A encerrar as manifestações técnicas e artísticas desta «Semana», cabe uma referência ao excelente concerto de órgão efectuado na Basílica pelo Prof. Sibertin-Blanc, que interpretou excelentes obras da literatura portuguesa de órgão, tais como de Manuel Rodrigues Coelho, Carlos Seixas e Correia de Araújo, bem como de Brahms e Bach.



A competência, o sentido pedagógico e da Igreja, a simplicidade característica de grandes mestres, tornaram esta realização da XIX Semana Gregoriana de Fátima uma das mais notáveis até hoje efectuadas. O ilustre maestro Frederico de Freitas, presidente da «Liga dos Amigos do Canto Gregoriano» assistiu a parte dos trabalhos que acompanhou com grande interesse.

Terminando com alto sentido religioso, os seminaristas e professores desta Semana de Estudos dirigiram-se em procissão à

Capelinha das Aparições cantando a Ladainha de Nossa Senhora e a bela «Salve Regina» culminando com a mais elevada espiritualidade.

É para desejar que o trabalho efectuado se não disperse, a fim de que o melhor resultado possa advir através da formação estética e musical, do bom gosto e bom senso artístico de quantos puderem beneficiar destes dias de são e útil trabalho.

A XX Semana Gregoriana de Fátima ficou desde já marcada para Setembro de 1969.

zonas de noroeste e oeste e 6 das zonas Ribatejo e Termo; da região pastoral de Santarém, 10; e 7 da região pastoral de Setúbal. Por especial deferência do patriarcado, estiveram ainda algumas alunas de outras dioceses do País, que habitualmente ainda não têm estes cursos.

## Congresso de Ferroviários Franceses

De 9 a 14 de Setembro reuniram-se, na Cova da Iria, cerca de 500 ferroviários franceses para realizarem um congresso sobre formação espiritual e religiosa do homem dos caminhos de ferro. Presidiu Mons. Riopel, bispo auxiliar de Nantes, e dirigiu os trabalhos o cônego Bousemard, capelão nacional dos ferroviários católicos franceses.

Os congressistas peregrinos vieram num comboio especial. Hospedaram-se no Seminário do Verbo Divino, onde se realizaram as sessões do congresso. Entre as cerimónias religiosas em que participaram, destaca-se a missa concelebrada pelo prelado e capelães dos ferroviários, e uma grandiosa via-sacra que terminou com a celebração da missa na Capela do Calvário húngaro de Aljustrel.

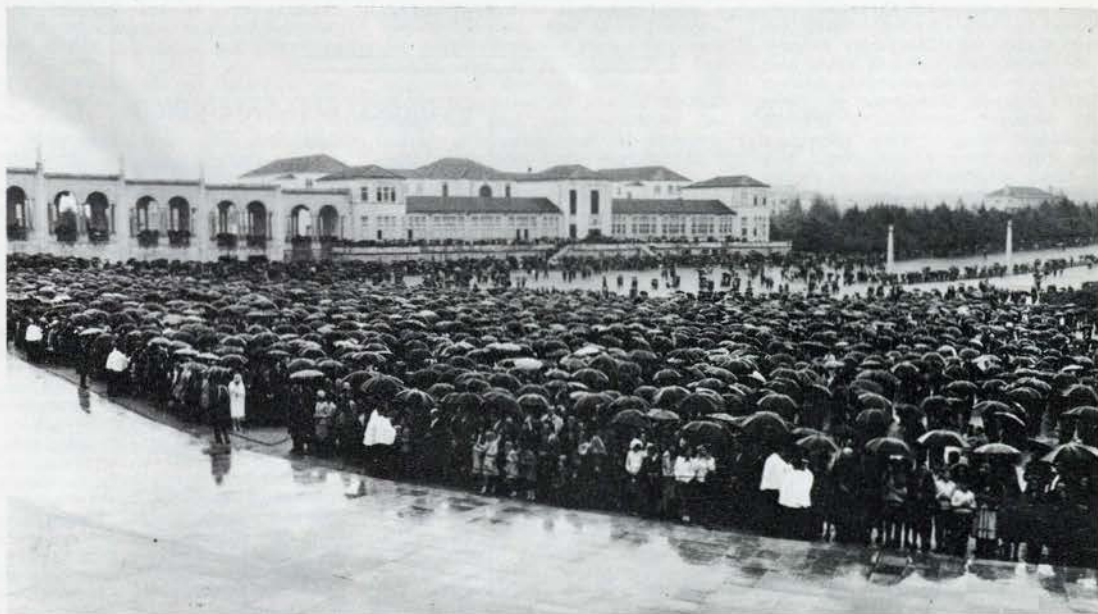
## XIV CURSO DIOCESANO PARA CATEQUISTAS DO PATRIARCADO DE LISBOA

Seguindo uma tradição que vem já de há catorze anos, o Secretariado Diocesano da Catequese do Patriarcado de Lisboa realizou em Fátima, de 30 de Agosto a 14 de Setembro, o seu XIV Curso Diocesano, especialmente destinado aos catequistas do sector rural da diocese. Funcionaram simultaneamente os cursos elementar, com 31 alunas, e complementar de catequese, com 34 alunas, e ainda 4 secções de estágio, com

21 alunas, orientadas por outras tantas chefes de estágio.

As salas estiveram a cargo dos revs. cônego Gregório Neves, Dr. Manuel Alves Lourenço, Padre Policarpo Canas, Dr.<sup>a</sup> Lígia de Sousa Lopes, e as revdas. Irmãs Maria do Bom Jesus, das Missionárias Reparadoras; Clara de Jesus Paiva Boléo, o. p., e Palmira Pina, das Filhas de S. Vicente de Paulo.

Da região pastoral de Lisboa estiveram 9 da cidade, 22 das



A chuva não encontrou os peregrinos desprevenidos.



# NOTÍCIAS DE FÁTIMA

## II SEMANA NACIONAL DE PEDAGOGIA RELIGIOSA

Promovido pelo Secretariado Nacional da Catequese, realizou-se em Fátima, de 21 a 25 de Setembro, a II Semana Nacional de Pedagogia Religiosa.

Os trabalhos foram orientados pelo padre François Coudreau, fundador e director honorário do Instituto Superior de Catequética da Universidade Católica de Paris e actual pároco e arcepestre de Billancourt — Paris, que já por várias vezes tem vindo orientar trabalhos desta natureza no nosso país e é ouvido com o maior interesse.

O tema geral da Semana: «Dimensões da Pedagogia da Fé», assim distribuído:

1.º dia — **A Dimensão Teológica da Fé.**

- 1) O despertar da Fé—Anúncio da Fé
- 2) O desenvolvimento da Fé—Adesão de Fé
- 3) A síntese da Fé — Expressão da Fé

2.º dia — **A Dimensão Comunitária da Fé**

- 1) A Comunidade contemplativa — A Igreja em oração
- 2) A Comunidade caritativa — Bem-aventuranças e Amor
- 3) A Comunidade litúrgica — Palavra e Sacramentos

3.º dia — **A Dimensão Missionária da Fé — Compromisso Apostólico**

- 1) O testemunho individual e comunitário
- 2) A presença no mundo e o compromisso temporal
- 3) O anúncio e a educação da Fé

**Conclusão:** Para uma definição renovada da Catequese.

Participaram nestes trabalhos, além do secretário nacional da Catequese, Mons. Dr. Amílcar do Amaral, os secretários das 17 dioceses de Portugal continental e insular, acompanhados dos seus principais colaboradores.

Na sequência destes trabalhos, houve também em Fátima, nos dias 26, 27 e 28, uns dias de estudo para as equipas responsáveis dos Secretariados Diocesanos da Catequese e os elementos dos vários Movimentos e Obras que no País trabalham com a Família.

Desejam os Secretariados da Catequese estabelecer um contacto cada vez mais intenso e eficiente com quantos trabalham com a Família, pois cada vez se sente mais que toda a Catequese que não tiver com base na Família fica, em grande parte, condenada ao malogro.

## BISPOS ESTRANGEIROS

Entre os vários prelados estrangeiros que visitaram Fátima durante o mês de Setembro, destacam-se Mons. Chnuallah Hart, Arcebispo de rito maronita de Baalbek, no Líbano, que pela primeira vez visitou a Cova da Iria, em cuja capelinha celebrou; Mons. Godfrey Okoye, bispo de Port Arcourt, Biafra, acompanhado pelo padre Isidoro P. Umana, missionário em Kot Ekpena, tendo celebrado também na capela das aparições; do Vietname veio Mons. Simon Hoa-Hier, Bispo de Dalat.

## RETIROS EM SETEMBRO

Durante o mês de Setembro realizaram-se vários retiros espirituais, notando-se, pelo número de participantes, os que organizaram a L.I.A.M. e a Ordem Terceira Dominicana, respectivamente.

O da L.I.A.M. iniciou-se a 29 de Agosto e terminou no dia 1 de Setembro. Assistiram 116 membros da Liga Intensificadora de Acção Missionária. Dirigiram o retiro os padres Olavo Teixeira e António Rodas, da Congregação do Espírito Santo.

No Retiro organizado pela Ordem Terceira Dominicana, participaram 120 terceiros, tendo pregado os padres frei Estêvão da Fonseca Faria e frei João de Oliveira, da Ordem de São Domingos.

MENSAGEM DO SANTO PADRE PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES EM 1968

FÁTIMA • 50  
CÔNSCIA DA SUA RESPONSABILIDADE COLABORA GRACIOSAMENTE NA CAMPANHA MISSIONÁRIA

Aos nossos Irmãos no sacerdócio de Cristo!

Aos nossos Filhos da Santa Igreja Católica!

É chegada a hora das Missões.

Cada ano, desde há tempo, celebra-se em todo o mundo católico o Dia Mundial das Missões; este ano, essa jornada ocorre no dia 20 de Outubro.

Esta jornada quer ser uma ocasião para reavivar no coração de todos os fiéis a consciência da vocação missionária, própria de toda a Igreja. É uma vocação constitucional da Igreja; esta foi fundada para ser missionária. Chamase católica a Igreja de Cristo; isto é, universal. Ela foi chamada a tornar-se de facto, na história, nas fileiras da humanidade, o que é já de direito, o que é por dever: o testemunho de Cristo para todos, o meio de salvação para todos, a sociedade mística e humana, aberta a todos. Não para dominar, não para substituir, ou para sobrepor-se à Cidade terrena; mas para penetrar nos espíritos com a sua luz de verdade, com o seu fermento de liberdade, com o seu estímulo ao trabalho na justiça e na fraternidade; para dar ao Mundo a sua unidade religiosa, na harmonia das suas naturais e respeitáveis diferenciações étnicas, culturais, políticas. E católica por instituição, deve ser católica na realidade.

**A Igreja adquiriu maior consciência da sua catolicidade**

Este desígnio divino que a Igreja traz consigo, melhor, em si mesma, tem despertado nestes últimos tempos; a Igreja adquiriu dele maior consciência. À medida que os caminhos do Mundo têm oferecido comunicações novas entre os povos, a Igreja tem sentido em si mesma a «urgência da caridade» de os percorrer; melhor, de os percorrer mais a miúdo; tem-se sentido missionária por sua natureza. O grito de S. Paulo: «Ai de mim se não pregar o Evangelho» (1 Cor. 9, 16) tem ressoado no coração



# SINTA COM A IGREJA... SEJA MISSIONÁRIO...

da Igreja, e tem suscitado nela, com a recordação, o impulso da sua primitiva vocação. A história das Missões destes últimos séculos o demonstra, como uma epopeia cheia de risco, de aventura, de heroísmo, de martírio. A empresa missionária estalou, por assim dizer, desafiando dificuldades sobre-humanas, pondo em acção meios rudimentares e homens loucos de intrepidez e de amor. A fé tem-se demonstrado aquilo que deve ser, dinâmica, irresistível, incluso temerária. A alegria de difundir o Evangelho tem recompensado todos os esforços, todos os sacrifícios. Depois, veio o Concílio, a precisar os princípios teológicos de tal fenómeno e a compeli-lo o povo de Deus a reencontrar a sua inata obrigação expansiva, e a dar critérios, normas, exortações para prosseguir com maior vigor e melhor sistema a grande obra da evangelização dos povos, aos quais o nome de Cristo não foi ainda anunciado, e nos quais a Igreja ainda não lançou raízes profundas e de autónoma vitalidade.

## **Não podemos ser indiferentes para com as Missões**

Irmãos e Filhos. Este quadro, que representa um aspecto maravilhoso e, sob certos aspectos, miraculoso da vida presente da nossa santa Igreja, merece ser observado e meditado com todo o nosso interesse. Aquele que se mostrasse distraído ou indiferente perante esta epifania da santa Igreja, deveria duvidar da própria fidelidade a Cristo e ao próprio baptismo. As Missões são nossas, de cada um de nós, de cada comunidade de crentes: longíquas no espaço, devem estar próximas no coração. Se compreendermos o valor moral, que elas constituem para a solidariedade da fé e da caridade, o Dia das Missões deve ser um momento de atenção concentrada e operante para cada um de nós. Por isso, Nós vos dirigimos esta mensagem.

Desejaríamos falar-vos das dificuldades que as Missões estão encontrando hoje, perante o próprio desenvolvimento do Mundo, e dos novos métodos, de que deverão servir-se para conservar as posições alcançadas e para desenvolver, querendo Deus, o seu incremento.

## **Meios de ajudar as Missões, em especial as ofertas**

Mas julgamos ser nosso dever apresentar agora à vossa consideração um outro aspecto da questão missionária, já muito conhecido, mas sempre actual e a repetir-se: o dos «meios». As Missões têm ainda hoje, e mais que nunca, necessidade de meios: vocações e ofertas. Falamos-vos agora das ofertas. Fá-lo-íamos com instintiva timidez e quase com relutância, se a necessidade não no-lo impusesse, e se o Concílio não nos admoestasse a não termos vergonha de estender a mão e a fazermos-nos como que mendigos por Cristo e pela salvação das almas (Cfr. Ad Gentes, n. 39).

As necessidades dos territórios de missão são imensas, sob qualquer aspecto que sejam consideradas. São necessários escolas, hospitais, igrejas, oratórios, leprosas, seminários, centros de formação e de repouso, viagens que nunca findam. O que pesa principalmente não é só a construção dos edifícios, mas o seu funcionamento, que comporta anualmente dispêndio de somas elevadas para a conservação das instalações, para a

sustentação do pessoal e para a orgânica assistencial.

Os países de missão podem oferecer bem pouco para tal fim: trata-se geralmente de regiões em via de desenvolvimento, por vezes pobríssimas. Tudo pesa sobre a administração das Dioceses, cujas receitas são mínimas: pouquíssimos benfeitores locais, e raros os de outras partes. Trata-se muitas vezes de beneficência incerta, casual, dependente do bom coração e das possibilidades de doadores ocasionais.

Ora, Irmãos e Filhos, escutai-nos. Temos o dever de advogar, de modo especial, a causa das Obras Missionárias Pontifícias. Não é o interesse particular por estas instituições que Nos impele a antepor na consideração da vossa caridade tais Obras Missionárias Pontifícias a outras iniciativas, embora merítissimas; é a indispensável ordenação da eficiência missionária e a equidade distributiva dos auxílios destinados à evangelização do Mundo, que Nos impõem esta preferência. De resto, o Concílio a afirma: devem ser promovidas «especialmente as Obras Missionárias Pontifícias» (Ad Gentes, n. 38).

As Obras Missionárias Pontifícias da Propagação da Fé, de S. Pedro Apóstolo e da Santa Infância têm por fim interessar o Povo de Deus pela fundação da Igreja entre os povos e os grupos que ainda não creem em Cristo, mediante a contribuição de auxílios espirituais e materiais.

Tal sistema de cooperação na actividade missionária da Igreja abraça todos os seus componentes, desde o Papa que agora vos fala até ao último dos fiéis.

## **Garantia única e segura para os territórios de missão**

Os Bispos, os Missionários, as Missionárias e os Sacerdotes locais encontram a única garantia segura nos auxílios das Obras Missionárias Pontifícias, as quais cada ano dividem por mais de oitocentas circunscrições missionárias o dinheiro recolhido no mundo inteiro.

É uma divisão difícil, minuciosa, delicada, estudada por repartições e órgãos colegiais, mas necessária pelo seu valor inteligente e prático de contribuição para o pão quotidiano dos missionários. Sob este ponto de vista as Obras prestam um precioso serviço: asseguram uma justa repartição das ofertas e impedem que haja dioceses missionárias com ajudas preferenciais e outras não atendidas.

Os Bispos missionários não disporiam de um auxílio anual para a manutenção das suas dioceses e para realizar os seus projectos sem a Pontifícia Obra da Propagação da Fé; não seria possível continuar a formação do clero local se não fossem os subsídios distribuídos pela Pontifícia Obra de S. Pedro Apóstolo e não seria possível socorrer tantas crianças, sobretudo abandonadas e doentes, se não fosse a Pontifícia Obra da Santa Infância.

## **Todos devem prestar colaboração às Obras Pontifícias**

Cada Bispo, cada sacerdote, cada fiel, embora realize qualquer actividade de apostolado missionário, directa ou indirectamente em algum sector particular, deve prestar a sua colaboração também às actividades gerais da Igreja: isto é, às Obras Pontifícias, as quais

ao mesmo tempo que são do Papa, são de todo o Episcopado e de todo o Povo de Deus. Elas são além disso conformes com os novos métodos de programação geral, que presidem ao desenvolvimento das grandes empresas modernas. No Motu Proprio «*Ecclesiae Sanctae*» (n. 13, § 2) as Obras Missionárias Pontifícias são estreitamente ligadas à Sagrada Congregação para a Evangelização dos Povos, mediante uma coordenação directa que lhes dá evidência e eficiência, de modo que, com rigorosa economia, possam potenciar os seus serviços, e estimular o missionário de todo o Povo de Deus.

Todos os Bispos, enquanto membros do corpo episcopal, que sucede ao Colégio Apostólico, estão vivamente interessados no seu incremento. Nas Conferências Episcopais devem mesmo, entre outras coisas, tratar «da determinada contribuição financeira que cada diocese, em proporção com os seus rendimentos, deve entregar anualmente para a obra missionária» (Ad Gentes, n. 38, § 5).

Demais, a ajuda dada às Obras Missionárias Pontifícias introduz o oferecimento numa escola de ensinamento caritativo, inspirado nas grandes visões próprias do catolicismo, que não se limitam a considerar uma necessidade particular e conhecida, a respeito da qual a satisfação da dívida oferecida pode constituir já uma recompensa parcial para o benfeitor (Cfr. Mat. 5, 46-47), mas que se projecta a horizontes ilimitados, a necessidades inumeráveis e esquecidas, a obreiros do Evangelho que por si mesmos não sabem pedir nem saberiam a quem recorrer: são principalmente as perspectivas dos imensos países da Ásia, da África, da Oceania, onde a Missão se encontra todavia com frequência na primeira e difícil fase da «*plantatio Ecclesiae*».

## **Modo de corresponder ao apelo da «Populorum Progressio»**

Finalmente, não queremos deixar passar em silêncio o facto de que a generosidade da Hierarquia e dos Fiéis, prodigalizada por este modo às nossas Missões, entra dentro do convite feito pela nossa Encíclica «*Populorum Progressio*», porque se realiza com conhecimento de causa, com sabedoria encaminhada à sistemática elevação das populações assistidas pelas Missões e com aquela relativa continuidade que permite à pequena semente tornar-se em árvore forte e frondosa; contribui deste modo efectivamente para aquele desenvolvimento dos Povos, que deve conduzi-los da incipiente vitalidade civil e moral à auto-suficiência digna de nações livres e modernas.

Irmãos e Filhos! não vos cause aborrecimento este nosso discurso; mas seja antes eco dos nossos anelos pela difusão do Evangelho; eco do nosso reconhecimento por quanto haveis já feito em proveito das Missões; eco do nosso encorajamento a fazer ainda mais e melhor; eco especialmente da solene palavra de Cristo: «Dai e dar-se-vos-á; deitar-vos-ão no regaço uma medida boa, calçada, agitada e transbordante...» (Luc. 6, 38).

Nós não vos poderemos recompensar; mas Cristo, sim; e é o que nós auguramos, enviando a todos os benfeitores, aos protectores e protagonistas das Missões a nossa Bênção Apostólica.





Baixo relevo do altar da «Flagelação» na Basílica de Fátima

## O ROSÁRIO PELA BÍBLIA

Oliveira Figueiredo

### A FLAGELAÇÃO

«Ainda Jesus estava a falar quando se aproximou Judas, um dos Doze, e com ele uma turba numerosa com espadas e paus, enviada pelos sumos sacerdotes e pelos anciãos do povo. E o que O entregava tinha-lhes dado um sinal, dizendo: A quem eu beijar predeí-O, pois é esse. E aproximando-se de Jesus disse: Salve, Mestre! E deu-lhe um forte beijo». (Mat. 26, 47-49).

«Mas Jesus disse-lhe: Judas! Com um beijo entregas o Filho do Homem?» (Luc. 22, 48). «Amigo, ao que tu chegaste!» (1). (Mat. 26, 50)

«Jesus, pois, sabendo tudo o que ia suceder-Lhe, foi ao encontro deles e perguntou: A quem buscais? — Responderam-Lhe: Jesus de Nazaré. — Disse-lhes Jesus: Sou eu.

Estava também com eles Judas, o traidor. Quando lhes disse «sou eu», retrocederam e caíram ao chão (2). De novo, pois, lhes perguntou: A quem buscais? — Eles disseram: Jesus de Nazaré. — Respondeu Jesus: Já vos disse que sou eu». (Jo. 18, 4-8)

«Saístes com espadas e paus como contra um salteador, para prender-me. Estando eu dia a dia no Templo, e sentando-me a

ensinar, não me prendestes» (Mat. 26, 55). «Mas esta é a vossa hora e o poder das trevas» (3) (Luc. 22, 53). «Tudo isto aconteceu para que se cumpram as Escrituras dos Profetas. Então, todos os Discípulos abandonando-O, fugiram» (4) (Mat. 26, 56).

### PRISÃO E PRIMEIRA FLAGELAÇÃO

«Eles, então, deitaram-Lhe as mãos e prenderam-n'O. E dali conduzem Jesus ao sumo sacerdote, e juntaram-se todos os sumos sacerdotes e os anciãos e os escribas (5). E os sumos sacerdotes e todo o Sinédrio buscavam qualquer falso testemunho contra Jesus para Lhe poder dar a morte, e não o encontravam.

A todas as acusações Ele se mantinha calado e não respondia a nada.

Mas perguntaram-Lhe: Tu és o Messias, o Filho do Bendito? (6). Jesus disse: Sou, e vereis o Filho do Homem sentado à direita do Poder e vindo entre as nuvens do céu (Sal. 109, 1; Dan. 7, 13). (7). E o sumo sacerdote, rasgando as vestes, disse: Que necessidade temos, agora, de testemunhas? Ouvistes a blasfêmia. O que vos parece? — Todos eles O condenaram, dizendo ser réu de morte» (8). (Marc. 14, 16 e 53 e 55 e 61-64)



«Então cuspiram no Seu rosto e deram-Lhe socos e outros bofetadas (Mat. 26, 67) <sup>(9)</sup> e envolveram-Lhe o rosto e diziam: Adivinha! (Mar. 14, 65). Adivinha, Messias, quem é que te bateu (Mat. 26, 68). E os criados recebiam-n'O a bofetadas». (Mar. 14, 65)

## SEGUNDA, E PRÓPRIAMENTE DITA, FLAGELAÇÃO

«E levantando-se toda a multidão deles, levaram-n'O a Pilatos <sup>(10)</sup>. E começaram a acusá-LO, dizendo: Encontrámos este a amotinar a nossa gente e proibindo pagar tributos a César e dizendo que Ele é o Messias Rei.

Pilatos interrogou-O, dizendo: Tu és o Rei dos judeus? — Ele, respondendo, disse-lhe: Tu o dizes» <sup>(11)</sup>.

Pilatos disse aos sumos sacerdotes e às turbas: Não vejo nenhum delicto neste homem <sup>(12)</sup>. Eles insistiam, com veemência, dizendo: Amotina o povo, ensinando por toda a Judeia, e tendo começado pela Galileia, chegou até cá». (Luc. 23, 1-5)

«Pilatos depois de diversas tentativas para soltar Jesus e ver-se livre de complicações (envia-O a Herodes: Luc. 23, 8-12; compara-O com Barrabás: Mat. 27, 15-26; Marc. 15, 6-15; Luc. 23, 17-25; Jo. 18, 39-40) pegou n'Ele e açoitou-O». (Jo. 19, 1)

## MEDITAÇÃO DO MISTÉRIO

*Este mistério oferece a recordação do impiedoso suplício das chicotadas sobre os membros imaculados e inocentes de Jesus.*

*O composto humano está feito de alma e corpo; o corpo sofre as mais humilhantes tentações e a vontade fraca pode deixar-se arrastar. Assim, pois, há neste mistério um convite à salutar penitência que deve envolver e proteger a verdadeira saúde do homem, na sua totalidade, como ser corporal e espiritual.*

*Dele deriva um grande ensinamento para todos. Nós não estamos chamados ao martírio cruel, mas à disciplina constante, quotidiana das paixões. Por este caminho chegamos a assemelhar-nos cada vez mais perfeitamente com Jesus Cristo e à participação dos Seus méritos.*

*A Mãe Dolorosa viu-O assim flagelado; quantas mães queriam ter o prazer de ver a perfeição moral dos seus filhos através da disciplina da educação, da instrução, de uma vida sã; não obstante, às vezes, têm que chorar ao ver insatisfeitas tantas esperanças, tantas fadigas.*

*A intenção há-de ser, portanto, invocar do Senhor o dom da pureza de costumes nas famílias e na sociedade, mas especialmente nas almas jovens, mais expostas às seduções dos sentidos e pedir ao mesmo tempo o dom da robustez de carácter, da fidelidade aos propósitos feitos e aos ensinamentos recebidos.*

S.S. João XXIII

## COMENTARIO

### I — O MOTIVO

Segundo São Mateus e São Marcos, a flagelação foi o prelúdio da execução capital, conforme o uso dos romanos entre os quais esse tormento quase sempre precedia a execução e, às vezes, era mesmo a própria execução se o condenado não resistia à brutalidade dos flagelos, o número dos quais não tinha outro limite senão a resistência do paciente ou a vontade dos verdugos.

Segundo São João e até São Lucas, 23, 16, a flagelação é um expediente de que Pilatos se serve no intuito de soltar Jesus, movendo o povo a compadecer-se d'Ele.

«Não foi para martirizar o Senhor que ele o flagelou, mas para aplacar o furor da turba, a ver se conseguia que se compadescessem d'Ele ao vê-LO flagelado e não O quisessem já matar». — St.º Agostinho, in Psal. 63

### II — O FACTO

A flagelação era qualquer coisa de horrível e bem conhecida, pelo que os Evangelhos se limitam a notar o facto sem entrar em pormenores que também nós conhecemos pela história e pela arqueologia.

O paciente era despido e atado, pelos pulsos, a uma coluna baixa, de modo a ficar curvado, oferecendo um campo mais asado às chicotadas que, penetrando na pele tensa, rapidamente a marcavam de regos de sangue.

O «horribile flagellum», feito de correias, muitas vezes tinha ossos ou pedaços de metal nas extremidades. Mais horrível ainda, o «flagrum». Estes «flagra», eram correntes de ferro com umas bolas do mesmo metal ou de chumbo nas pontas. Pode imaginar-se o que seriam se nos lembrarmos das correntes de bicicletas empregadas nos nossos dias por bárbaros selvagens, no Congo ex-Belga, para massacrar os missionários a quem deram morte horrorosa.

Este castigo existia desde a antiguidade entre os judeus, mas era condicionado por certa humanidade, de tal modo que o número de açoites era limitado a 40, e apenas se aplicavam 39, com receio de ultrapassar a conta; 13 no peito e 13 em cada lado das costas, «não acontecesse que, passando desse número, o irmão ficasse afrontado diante do seu próximo». (Deut. 25, 2-3)

São Paulo há-de dizer que por cinco vezes foi açoitado, levando 40 açoites menos um, isto é 39. (II Cor. 11, 24)

Com os romanos o caso era diferente, e Jesus foi flagelado pelos soldados romanos.

Escritores como Suetónio, Tito Lívio, Cícero e Plutarco, descrevem-nos com vivas cores o horror de uma cena de flagelação em que os gritos, primeiro, os gemidos depois, quando o condenado é prostrado pela violência dos golpes, são abafados pelos berros dos magistrados incitando os verdugos à violência ou os dos próprios carrascos excitados à vista do sangue que as contorções nervosas do supliciado fazem espirrar em todas as direcções, salpicando-lhes as mãos e o rosto.

Era, sobretudo, um castigo infamante de que os cidadãos romanos estavam livres, pelo que São Paulo há-de invocar a sua cidadania romana para o não sofrer.

### III — JESUS ANTE O SUPLÍCIO

A atitude de Jesus ante esta afronta e suplício, filia-se na linha geral de voluntariedade em todos os acontecimentos da Paixão, e vem já descrita em Isaías, 50, 5-9 ao profetizar as dores do Servo de Jahvé: «Não me opuz nem recuei. Estendi as minhas costas aos que me feriam, e as minhas faces aos que me arrancavam a barba; não desviei a minha face dos que me injuriavam e cuspiam. O Senhor Jahvé vem em meu socorro, por isso não me ressinto dos ultrajes. Foi por isso que eu tornei a minha face dura como uma pedra e sei que não serei confundido. Está ao pé de mim Aquele que me justificará». É difícil a qualquer figuração escultórica ou pictórica definir este estado de alma de Jesus Cristo durante o tormento da flagelação que deve contrabalançar todos os esgares de desespero, todos os esforços de esquivar-se ao golpe, e tão bem expresso nas palavras do Profeta: Endureci o rosto como uma pedra, isto é, enfrentou resolutamente o sacrificio, cujo paralelo vem em São Lucas, 9, 51, ao dizer-nos como Jesus «se dirigiu resolutamente a Jerusalém» onde sabia O esperava a morte.



## ORAÇÃO

Ó cheia de graça e bendita entre as mulheres, estendei, nós vos pedimos, a mão da Vossa maternal protecção sobre nós, vossas filhas, que nos reunimos junto do Vosso trono de Rainha, como falanges dóceis às Vossas indicações e decididas a realizar, com o Vosso auxílio, em nós e em nossas irmãs, o ideal da verdade e da perfeição cristã.

Em Vós se fixa com admiração o nosso olhar, ó imaculada Menina, predilecta do Pai! Ó Virgem Esposa do Espírito Santo! Ó Mãe terníssima de Jesus! Obtende-nos do Vosso Filho divino podermos reflectir em nós as Vossas excelsas virtudes em todas as idades e condições.

Fazei que sejamos intemeratas e puras nos sentimentos e costumes; para com os nossos esposos companheiras afectuosas, dedicadas, compreensivas; para com os nossos filhos mães diligentes, vigilantes, prudentes; administradoras cuidadosas dos nossos bens domésticos; cidadãos exemplares da nossa querida Pátria; filhas fiéis da Igreja, prontas a deixar-nos guiar por ela no pensamento e na acção.

Ajudai-nos, ó Mãe nossa amorosíssima, a observar fielmente os deveres do nosso estado e a fazer das nossas casas centros de vida espiritual e de operosa caridade, escolas de formação das consciências e jardins de todas as virtudes; assisti-nos a fim de que na vida social e pública também saibamos ser exemplo de fé profunda, de prática cristã constante e amável, de perfeita integridade e de justo equilíbrio fundado nos mais sólidos princípios religiosos.

Abençoi os nossos propósitos e os nossos trabalhos, e assim como por Vós somos inspiradas a

empreendê-los, assim com o Vosso auxílio nos seja dado ver os seus abundantes frutos no tempo e na eternidade. Assim seja.

(Oração das mães, composta por S.S. o Papa Pio XII)

(1) Um sinal de afecto, uma saudação fraternal, serve de santo-e-seña para denunciar Jesus aos Seus inimigos. A amargura e compaixão de Jesus pelo Seu Discípulo traidor, cabe inteira naquela expressão: «Amigo, ao que tu chegaste!»

(2) A calma majestosa de Jesus diante da tumultuosa sanha dos mercenários dos chefes judeus, provoca-lhes um tal impacto de respeito que, surpresos, caem ao chão.

(3) Tudo quanto acontece a Jesus está dependente da Sua vontade libérrima. Esta, finalmente, é a hora em que às trevas é dado, por algum tempo, fazer sombra à luz.

(4) Toda a ousadia de Pedro que ainda chegou a usar a espada num certo golpe à orelha de Malco, a ousadia dos que diziam estar dispostos a beber o mesmo cálix de amargura do senhor e segui-LO até à morte, se desvanece diante da chusma armada dos inimigos de Cristo, e abandonam, fugindo, o Divino Mestre.

(5) *Sumos sacerdotes*, ou seja o então em exercício, «Caifás o que dissera aos judeus ser conveniente morrer um só homem em lugar do povo todo o seu sogro Anás, que já tinha exercido aquela suprema função». (Jo. 18, 13-14)

(6) Os judeus tinham escrúpulo em referir o nome de Deus e por isso empregavam outros sinónimos, um dos quais era este «Bendito».

(7) Jesus oferece, desassombradamente, o motivo da Sua condenação à morte por parte dos judeus: declara-Se Deus.

(8) Condenaram-n'O à morte segundo a lei deles, mas não poderiam cumprir a sentença por si mesmos; pois o poder da espada estava nas mãos dos romanos.

(9) Os que cuspiram em Jesus foram alguns dos membros do Sinédrio aos quais se juntaram depois os criados dos sacerdotes abusando, sem que fossem reprimidos, do lugar e da condição indefesa de Jesus.

(10) Pilatos era quem governava, era quem tinha poder de condenar à morte ou de soltar Jesus, como Lhe diz no interrogatório, e por isso, lavrada a sentença pelo seu lado, levam-n'O ao Procurador Romano para que a execute.

(11) Jesus responde positivamente à pergunta de Pilatos, mas esclarece que o Seu reino não é deste mundo. É realmente rei, mas as características do Seu reino não as atinge, por ora, Pilatos.

(12) Pilatos não vê em Jesus qualquer falta pela qual O possa condenar, mas condena-O, dando uma prova infosmível de covardia ante o furor do povo incitado pelos membros do Sinédrio.

## É LAVRADOR?

Não adube de qualquer maneira...

Com o fósforo e o potássio, aplique em fundo, logo à sementeira dos cereais e sem qualquer receio, umas vinte unidades de azoto que correspondam sensivelmente a 100 kgs. de

**NITROLUSAL 20,5 %**

É um adubo magnífico, acreditado no País e estrangeiro para aplicar **em fundo ou cobertura** tem cal e não acidifica as terras.

Com o azoto nítrico que contém, garante logo de início a alimentação das plantas.

Mais tarde, em duas ou mais coberturas, deve acrescentar sessenta ou oitenta unidades de azoto neste adubo ou em

**NITRATO DE CÁLCIO**

que é o melhor e mais rápido adubo azotado para coberturas. Em terrenos fundos, bem trabalhados e com sementes adequadas não será azoto em excesso. Gaste do que é bom, em quantidade conveniente e terá

**Boas colheitas**

**NÃO POUPE NOS ADUBOS!**





(Continuação da página 13)

No primeiro, quando em sua Nota Oficiosa de 1 de Setembro de 1939 anunciava à Nação a permanência da neutralidade portuguesa na guerra que acabava de explodir:

«O Governo considerará como o mais alto serviço ou a maior graça da Providência poder manter a paz para o povo português...» (DISCURSOS, III, pág. 1744).

No segundo, aquando do discurso de 8 de Maio de 1945, perante a Assembleia Nacional, se regozijava pelo término das operações bélicas do lado do Ocidente e afirmava:

«Depois a Providência dispôs em seus altos designios que pudéssemos atravessar o conflito sem sermos directa e activamente envolvidos nele e sem nele sacrificarmos mais que dinheiro, esforços, cuidados, algumas privações, o que, sendo muito em si, tudo se deve ter por pouco, em face do que outros houveram de sofrer...»

E, comovid, terminava o seu discurso, dizendo:

«E calo-me. A verdade é que em hora tão alta e quase sagrada não descubro, não sinto em mim senão um vivo impulso de graças à Providência pela Sua misericórdia e de preces por que a Sua luz ilumine os homens responsáveis pelos destinos do Mundo» (DISCURSOS, IV, pág. 95 e 98).

Quem ousaria levantar dúvidas sobre a integridade humana, moral e intelectual desses três depoentes, para suspeitar de falaciosas as suas interpretações e testemunhos?

## 7.º CONCLUSÕES

Serão estas:

1.ª Augusto de Castro que pusera a pergunta: «Porque é que Hitler, que duas vezes planeou a invasão da Península, se deteve nos Pirenéus? e parece atribuir ao acaso o facto de Portugal ter escapado à guerra 39-45, agrada-nos vê-lo na órbita providencialista, porquanto lemos no citado opúsculo:

«O homem providencial que essa acção dirigiu...» (pág. 10).

Outros acontecimentos do lado da Alemanha e da Itália vieram, certamente, por esse final de 1940 e em meados de 1941, auxiliar providencialmente as posições de defesa da neutralidade e da segurança peninsulares» (pág. 69 — o grifo é nosso).

O homem de letras que é Augusto de Castro sabe muito bem o que significam as palavras. Por isso acreditamos que ele não terá dificuldade em aceitar que a razão de nossa neutralidade e paz na guerra de 39-45 se encontra na especial protecção de Nossa Senhora de Fátima, em quem também ele acredita, uma vez que essa neutralidade e paz foram o fruto de acção providencial assinalada por ele próprio.

2.ª A acção da Providência no desenrolar dos acontecimentos, longe de dispensar ou de substituir a actuação humana, antes a exige, como muito bem o exprime a sabedoria popular no ditado: «Ajuda-te que Deus te ajudará». Por isso, a actuação de Salazar, tão entusiástica e merecidamente evocada pelo grande jornalista, tem de ser reconhecida, louvada e perpetuada nos tempos vindouros, como um dos melhores serviços que podia ter prestado à Nação.

3.ª O grande merecimento de Salazar consiste, justamente, em ter sido escolhido pela Providência como instru-

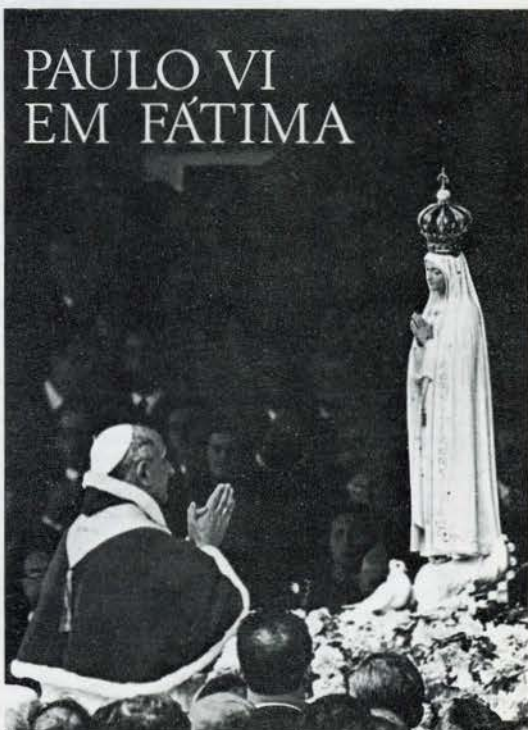
mento digno e hábil dos planos divinos, nesta conjuntura histórica.

4.ª O afirmar-se que Portugal escapou à guerra de 39-45, devido à especial protecção de Nossa Senhora de Fátima, mais não é que concluir acertadamente dos factos históricos, estudados com critério adequado, dentro da psicologia imanente aos eventos dessa natureza.

5.ª Cabe aos Portugueses em geral, e à Igreja Portuguesa em particular, a responsabilidade de que se não podem eximir, mostrarem-se gratíssimos, pela especialíssima protecção de que foram alvo, por parte de Maria Santíssima. Terão uns e outros, correspondido à Mensagem de Fátima, num grau que satisfaça Nossa Senhora?

6.ª É sempre oportuno e, talvez, necessário, um sério exame de consciência e verificar se o amor da Mãe está sendo correspondido pela gratidão dos filhos.

7.ª Honra, glória, agradecimentos cabem à Virgem Maria de Fátima por rer protegido de maneira tão evidente a terra em que Ela se dignou aparecer e onde a pureza dos ares equivale à pureza dos corações dos três pastorinhos a representarem a Nação Portuguesa no que ela encerra de mais inocente e carinhoso para oferecer à Mãe de Deus.



## PAULO VI EM FÁTIMA

Está à venda, o artístico album comemorativo da Peregrinação de Paulo VI a Fátima, edição da Comissão Central do Cinquentenário.

Dirija os seus pedidos à referida Comissão, Fátima, ou à Administração de "FÁTIMA-50", Fátima.

Esta publicada la edición castellana de este magnífico album conmemorativo de la peregrinación de Su Santidad Paulo VI a Fátima. Puede requisitar los ejemplares que desee a la Administración de "FÁTIMA-50", Fátima - Portugal



## RESÚMENES

### FÁTIMA Y LA ORACIÓN POR LA PAZ

Este número de nuestra revista es una especie de monografía sobre la eficacia de la oración para obtener de Dios el don de la paz.

Abre con un artículo de la Redacción en que se afirma estar Fátima íntimamente ligada a la causa de la paz. En el contexto evangélico en el cual el Mensaje viene injertado, por las circunstancias que lo envuelven y por las consecuencias prácticas que se le siguen, la paz se define como su razón y su finalidad.

Cuanto al primer punto afirmase que la Liturgia diariamente se hace eco del Evangelio como mensaje de paz. Citanse pasos de la misa en que la paz es pedida para la Iglesia y para el mundo. Y se dice como los actos de piedad que en Fátima se realizan giran todos alrededor de la celebración de la Eucaristía. Es que el Mensaje de Fátima es un resumen del Evangelio.

En el segundo punto se cuenta como los videntes fueron instruidos, aun antes de las apariciones de la Virgen, por un Ángel, en la oración y en el sacrificio que sería recompensado con la paz en Portugal. En sus apariciones, la Virgen al decir a los chicos que el pecado es la causa de todos los males y de la guerra, los induce a rezar para que se acabe la guerra, se conviertan los pecadores y todos los hombres respeten la ley de Dios.

Finalmente, recordando la constante amenaza de guerra pendiente sobre el mundo, recuerda también que Pablo VI, al venir a Fátima como peregrino, vino rezar por la paz en la Iglesia y por la paz en el mundo. El Papa insistió en casi todos sus discursos a propósito de esta peregrinación, en la intención que lo trajo a Cova da Iria: rezar por la paz.

Se invitan todos los hombres amantes de la paz a uniren sus oraciones por esta intención pues la paz es un don de Dios y nadie mejor que la Reina de la Paz para dar fuerza a nuestras plegarias junto al trono de Dios.

### LOS PASTORCITOS Y LA PAZ DEL MUNDO

Unos días antes de la primera aparición de la Virgen, el Papa Benedicto XV escribió una carta a los niños católicos de todo el mundo pidiéndoles para, durante aquel Mes de las Flores, dirigiren sus súplicas a la Madre de Dios, Reina de la Paz, por la paz del mundo. Así empieza este artículo sobre el interés de los videntes por la paz, por nuestro estimado colaborador Canónigo Barthas. Se tiene por seguro que los niños de

Aljustrel, al tiempo de la primera aparición, aun no habían escuchado hablar de esta carta. Pero ya habían sido advertidos por el Ángel que en una de sus visitas se les había presentado como Ángel de la Paz, de que si rezasen e hiciesen sacrificios conseguirían la paz para su Patria. Nuestra Señora no se les apareció por causa de la paz mas por causa de la renovación espiritual y conversión penitencial que está en la base de la paz.

Pero les ha hablado además, por diversas veces, de la guerra como de un castigo de los pecados de los hombres y pidiéndoles para que rezasen el rosario todos los días por esas intenciones. Ha sido de esta forma que los niños se enteraron del motivo de tantas aflicciones del Corazón de María, de tantas preocupaciones del Papa y de todos los hombres de buena voluntad y empezaron a rezar fervorosamente por la paz. Y advirtieron los otros del peligro que el mundo corría de verse envuelto en terribles guerras de no cumplieren los hombres lo que la Virgen había pedido se hiciese. La Virgen ha pedido, además de la recitación del rosario, que la Rusia fuese consagrada a su Corazón Inmaculado por ser esa la voluntad de Dios para la conversión de Rusia y para que ella dejara de llevar sus errores por el mundo, causa de tantas persecuciones y de tantos otros males. Tanto Francisco como Jacinta aprovecharon la oportunidad de sus enfermedades para ofrecer ese sufrimiento por la paz, por la conversión de Rusia. Lucia, favorecida con otras visiones durante su noviciado y cuando ya religiosa profesaba, no ha dejado nunca de insistir, a pedido de la Virgen, para que se cumpliera lo que con esta intención habían recomendado Jesús y María: la comunión reparadora de los primeros sábados y la consagración de Rusia al Corazón Inmaculado de María.

El Papa Pio XII ha consagrado el mundo y Rusia al Inmaculado Corazón en 1942. Después de la guerra, en 1946, en parte por inspiración de Lucia, se ha iniciado la peregrinación mundial de Nuestra Señora de Fátima que tantos casos de concordia entre naciones ha originado.

A ejemplo de los pastorcitos de Fátima debemos continuar a rezar por la paz. Si no lo hacemos, difícilmente o nunca conseguiremos la paz.

### NUESTRA SEÑORA DE FÁTIMA PRESERVÓ PORTUGAL DE LA GUERRA

Un nuevo colaborador inicia en este número su participación en la revista «Fátima-50». Tratase de Juan Vitoria que escribe un estudio en el cual hace el análisis de las misteriosas causas que han llevado Hitler, por un lado y los Aliados, por otro, a respetar la neutralidad portuguesa y así evitar que nuestro país hubiera entrado en aquella tremenda guerra mundial.

Todos los factores de las necesidades bélicas de unos y de otros hubiesen conducido inevitablemente a la ocupación de la Península Ibérica y de

las estratégicas islas de Azores. La amenaza estuvo pendiente sobre nuestra integridad territorial durante el período más crítico de la guerra. Sin embargo, pese a que todas las circunstancias aconsejaban la invasión y a que todas las facilidades eran para los hipotéticos invasores, la invasión no ha sido llevada a efecto. Por qué? Aquí reside el misterio. No se encuentran causas razonables para explicar el fenómeno que no sea la indiscutible protección de Nuestra Señora de Fátima que había prometido a los pastorcitos que, si rezasen, la paz reinaria en Portugal.

Las más representativas autoridades portuguesas, al final del conflicto han reconocido la acción misteriosa y providencial que preservó Portugal de la guerra. No hay otra explicación. El autor lo prueba con documentos de la época, indicando como todo estaba previsto para la invasión del territorio portugués; como tal invasión estuvo planeada y ordenada y... no se ha verificado. Igualmente se vale de argumentos de autoridad para afirmar la acción providencial de Dios por intermedio de Nuestra Señora de Fátima.

Se trata, sin duda, de un milagro de paz que se debe a la Virgen de Fátima y exige de nosotros, como acción de gracias, el cumplimiento de su mensaje si queremos continuar a gozar de su protección maternal tan manifiesta.

### NUEVA FÁTIMA EN POLONIA

Podría afirmarse esto mismo del santuario que en honor de Nuestra Señora de Fátima se ha erigido en Turza, Silesia. Segun testimonio de soldados alemanes y polacos, cuando allí se travaron duros combates, durante la última guerra, una señora vestida de blanco acudía misteriosamente a lo heridos y moribundos a quienes muchas veces preservó de la muerte. En el santuario se venera una imagen de Nuestra Señora de Fátima para allí llevada desde Cova da Iria pese a todas las dificultades de transito a través de la cortina de acero.

Hoy día este santuario es un lugar escogido para peregrinaciones, muchas veces numerosísimas (se han reunido cerca de 90 000 peregrinos). Los peregrinos van para rezar, para confesar sus pecados, para comulgar. Las peregrinaciones se realizan todos los domingos. Desde hace algun tiempo también los días 13 de los meses de mayo y octubre. Se realizan ceremonias a semejanza de las que se realizan en Cova da Iria. Muchos beneficios espirituales y corporales como los que se constatan en Fátima. De tal forma este santuario se asemeja al de Fátima que muchos peregrinos los confunden. Cuando van a comprar el billete para Turza, dicen que es para Fátima, nombre que no se encuentra en la guía de ferrocarriles de Polonia, pero todo se esclarece cuando enseñan el rosario. El rosario ha servido algunas veces incluso para pasar las fronteras. Este hecho nos revela la importancia del Mensaje de Fátima que se puede cumplir y se cumple no importa adonde, con espíritu de obediencia a la voluntad de Dios y a los deseos de la Virgen.



## RÉSUMÉS

### FÁTIMA ET LA PRIÈRE POUR LA PAIX

Ce numéro de notre revue est une sorte de monographie sur l'efficacité de la prière pour obtenir la Paix, don de Dieu.

Il ouvre sur un article de la Rédaction où il est dit que Fátima est intimement lié à la cause de la Paix. Dans le contexte évangélique, où le Message est inclus, dans les circonstances qui l'entourent et dans les conséquences pratiques qui en découlent, la Paix se rencontre comme cause et comme but.

Cet article affirme, quant au premier point, que la Liturgie fait quotidiennement écho à l'évangile en tant que message de Paix. Il cite les passages de la messe où la Paix est demandée pour l'Église et pour le Monde. Et il dit de quelle manière les actes de piété qui ont lieu à Fátima torrent tous autour de la célébration de l'Eucharistie. C'est que le Message de Fatima est un résumé de l'Évangile.

Quant au second point, il rappelle comment, bien avant les apparitions de Notre-Dame, les voyants ont été initiés, par un Ange, à la prière et au sacrifice qui seraient récompensés par la Paix au Portugal. Dans ses apparitions, la Vierge Marie, en leur montrant que le péché est la cause de tous les maux et en particulier de la guerre, porte les pasteurs à prier pour que la guerre finisse, les pécheurs se convertissant et tous les hommes se soumettant à la loi de Dieu.

Finalement, rappelant la menace constante de la guerre qui plane sur le Monde, ce même article dit de quelle manière Paul VI, en venant à Fátima comme pèlerin, est venu prier pour la Paix dans l'Église et dans le Monde. Dans presque tous les discours prononcés au sujet de son pèlerinage, le Pape a insisté sur l'intention qui l'a amené à la Cova da Iria: prier pour la Paix.

Il invite tous les hommes amants de la Paix, à unir leurs prières pour cette intention. Puisque la Paix est un don de Dieu, personne mieux que la Reine de la Paix ne peut aider à l'efficacité de nos prières près de Dieu.

### LES PASTOREAUX ET LA PAIX DU MONDE

Peu de jours avant la première apparition de la Vierge Marie, le Pape Benoît XV a écrit une lettre aux enfants catholiques du monde entier leur demandant, durant ce mois de Marie, de diriger des prières instantes à la Mère de Dieu, Reine de la Paix, pour obtenir la Paix du Monde. C'est ainsi que notre collaborateur estimé, le Chanoine Barthas, commence cet article sur l'intérêt des pasteurs pour la Paix.

Il est à peu près certain que, au temps de la première apparition, ces

derniers n'avaient pas encore entendu parler de cette lettre. Mais ils avaient déjà été averti par l'Ange (qui une fois s'était présenté à eux comme l'Ange de la Paix), que s'ils priaient et faisaient des sacrifices, ils attireraient la Paix sur leur Patrie. Notre-Dame ne leur a pas apparu pour la cause directe de la Paix, mais dans un but de renouveau spirituel et de conversion par la pénitence qui est à la base de la Paix. De plus Elle leur a parlé plusieurs fois de la guerre comme châtement des péchés des hommes et leur a demandé de prier pour ces intentions.

C'est ainsi que les petits pasteurs ont eu connaissance de la cause des grandes douleurs tant du Coeur de Marie que du Pape et de tous les hommes bons, et ont commencé à prier avec ferveur pour la Paix. De plus ils ont averti les autres personnes du danger que courrait le Monde de se voir engagé dans des guerres plus terribles si les hommes ne faisaient pas ce que Notre-Dame leur demandait. Et qu'est-ce que Notre-Dame leur a demandé? En plus de la récitation du chapelet, Notre-Dame a demandé que la Russie soit consacrée à son Coeur Immaculé car c'était la volonté de Dieu pour qu'elle se convertisse et cesse de répandre ses erreurs au travers du Monde, cause de tant de persécutions et de tant d'autres maux. Aussi bien François dans sa maladie que Jacinthe ont profité de leur souffrance en l'offrant pour la cause de la Paix, pour la conversion de la Russie, Lucie, favorisée d'autres visions lorsqu'elle était novice et ensuite religieuse professe, n'a pas cessé d'insister, à la demande de Notre-Dame et de Notre Seigneur, afin que l'on accomplisse ce que, dans ce but, Jésus et Marie lui avait recommandé que l'on fasse: la communion réparatrice des premiers samedis et la consécration de la Russie au Coeur Immaculé de Marie.

Le Pape Pie XII a consacré le Monde et la Russie au Coeur de Marie en 1942. Après la guerre, en 1946, en partie sous l'inspiration de Lucie, a commencé le pèlerinage Mondial de Notre-Dame de Fatima qui a été l'origine de tant de cas de concorde entre les nations.

A l'exemple des pasteurs de Fátima nous devons continuer à prier pour la Paix. Si nous ne le faisons pas, nous obtiendrons difficilement, ou même jamais, la Paix.

### NOTRE-DAME DE FÁTIMA A PRÉSERVÉ LE PORTUGAL DE LA GUERRE

Un nouveau collaborateur commence dans ce numéro à apporter son concours à la revue «Fátima-50». Il s'agit de Jean Vitória. Il écrit une étude dans laquelle il analyse les causes mystérieuses qui ont porté Hitler, d'un côté, et les Alliés, de l'autre, à respecter la neutralité portugaise évitant ainsi à notre Pays d'avoir à entrer dans cette terrible guerre mondiale. Les nécessités belliqueuses des allemands autant que de leurs adversaires devaient conduire, inévitablement, soit à l'occupation de la Péninsule Ibérique, soit à l'occupation des îles stratégiques des Açores. Notre intégrité territoriale a été menacée durant

la période la plus critique de la guerre. Toutefois, bien que toutes les circonstances aient conseillé l'invasion et que toutes les facilités aient été du côté des évahisseurs éventuels, celle-ci n'a pas eu lieu. Pourquoi? Là, réside le mystère. On me trouve les causes d'une telle préservation de la neutralité portugaise que dans la protection indiscutable de Notre-Dame de Fatima qui avait promis aux pasteurs s'ils priaient, que la Paix règnerait au Portugal.

A la fin du conflit, les plus hautes autorités portugaises ont reconnu l'action mystérieuse et providentielle qui a préservé le Portugal de la guerre. Il n'y a pas d'autre explication. L'auteur, au moyen des documents de l'époque, nous montre comment tout était prévu pour l'invasion du territoire portugais; comment cette invasion fut projetée et même ordonnée et comment, d'une manière inespérée, elle n'eut pas lieu.

Il se sert également des documents des autorités pour affirmer l'action providentielle de Dieu par l'intermédiaire de Notre-Dame.

Il s'agit sans aucun doute, d'un miracle de Paix, dû à Notre-Dame de Fátima, qui exige de nous remerciement et une ligne de vie en accord avec le Message de Marie très Sainte si nous voulons continuer à jouir de sa protection maternelle si manifeste.

### NOUVEAU FÁTIMA EN POLOGNE?

Ainsi pourrait-on dire du Sanctuaire en l'honneur de Notre-Dame de Fátima, Sanctuaire qui s'est élevé à Turza, dans la Silésie. Selon un témoignage de soldats allemands et polonais, alors que s'y déroulaient de durs combats, une dame vêtue de blanc est venue mystérieusement au secours des blessés et des mourants et, plusieurs fois, les a préservés de la mort. On y a élevé ce Sanctuaire où l'on vénère une statue de Notre-Dame de Fátima apportée de la Cova da Iria malgré toutes les difficultés de transport au travers du rideau de fer.

Aujourd'hui ce Sanctuaire est un lieu choisi de pèlerinages parfois très nombreux (90.000 personnes s'y rencontrent réunis pour prier). Les Pèlerins viennent prier, se confesser et communier. Les pèlerinages ont lieu tous les dimanches, depuis quelques temps déjà, et aussi les 13 Mai et Octobre de chaque année.

On y célèbre des cérémonies religieuses semblables à celles qui ont lieu à Fátima. On y constate comme à Fatima de nombreux bienfaits spirituels et temporels. Le Sanctuaire ressemble tellement à Fátima sur le plan spirituel que de nombreux pèlerins le confondent et en arrivent à demander des billets de transport pour Fátima, nom qui n'est pas connu sur les indicateurs de chemin de fer de la Pologne. Mais tout s'éclaircit quand les pèlerins montrent leurs chapelets, qui leur ont servi également de passeport pour traverser la frontière. Ce que ce fait nous révèle, c'est l'importance du Message de Fátima qui peut et doit s'accomplir n'importe où, en esprit d'obéissance à la volonté de Dieu et aux désirs de Notre-Dame.



## SUMMARY

### FÁTIMA AND PRAYER FOR PEACE

This number of our review is a kind of monograph on the efficacy of prayer to obtain Peace, a gift of God.

It opens with an Editorial article in which Fátima is said to be intimately connected with the cause of Peace. In the evangelical context in which the Message is included, in the circumstances which surround it and in the practical consequences which follow it, Peace is found as a reason and as a finality.

As to the first point, it is affirmed that the Liturgy daily echoes the Gospel as a message of Peace. Passages from the Mass are quoted in which Peace is asked for the Church and the World. It tells how the acts of piety carried out in Fatima all revolve around the celebration of the Eucharist. The Message of Fátima is truly a summary of the Gospel.

As to the second point, it relates how the seers were instructed by an Angel, before the apparitions of Our Lady, in prayer and sacrifice which would be recompensed with Peace in Portugal. In Her apparitions, the Virgin Mary, while pointing out that sin is the cause of all evils and wars, brings the little shepherds to pray that the war may end, sinners be converted, and as a result all men may observe the law of God.

Finally, recalling the constant threat of war which hovers over the world, it refers to Pope Paul VI who, on coming to Fatima as a pilgrim, came to pray for Peace in the Church and in the World. The Pope insisted, in almost all his addresses regarding this pilgrimage, on the intention which brought him to the Cova da Iria: to pray for Peace.

All men and lovers of Peace are invited to unite in their prayers for this intention, seeing that Peace is a gift of God, and there is nobody better than the Queen of Peace to support the efficacy of our prayers with God.

### THE LITTLE SHEPHERDS AND THE PEACE OF THE WORLD

A few days before the first apparition of the Virgin Mary, Pope Benedict XV wrote a letter to the Catholic children of the whole world, asking them to direct their supplications to the Mother of God, Queen of Peace, during that month of Mary, to obtain Peace for the world. Thus begins this article, by our esteemed collaborator Canon Barths, about the interest of the little shepherds in the cause of Peace.

It is almost certain that the little shepherds had not yet heard of this letter, at the time of the first apparition. But they had been instructed by the Angel, who once announced himself to

them as the Angel of Peace, that they should pray and make sacrifices to draw down Peace on their country. Our Lady did not appear to them for the direct cause of Peace, but for the intention of spiritual renewal and penitential conversion which is at the basis of Peace. Besides this, She spoke to them at different times of war as a punishment for the sins of men, and asked them to pray for these intentions.

It was in this manner that the little shepherds learned the cause of so many sufferings afflicting the Heart of Mary, the Pope and all men of good will, and they began to pray fervently for Peace. As well as this, they warned others for the danger into which the world would run of being involved in more terrible wars, if men did not do what Our Lady asked of them. And what did Our Lady request? Besides the prayer of the Rosary, Our Lady asked that Russia be consecrated to Her Immaculate Heart, for it was the will of God, so that Russia would be converted and cease spreading its errors through the World, causing persecutions and so many other evils. Both Francisco and Jacinta, during their illness, took advantage of this suffering to offer it up for the cause of Peace, and for the conversion of Russia. Lucia, favoured with other visions when she was a novice and later a professed religious, never ceased to insist, at the request of Our Lady and Our Lord, on the fulfillment of what Jesus and Mary had recommended to be done for this intention: the Communion of Reparation on the First Saturdays and the Consecration of Russia to the Immaculate Heart of Mary.

Pope Pius XII consecrated the World and Russia to the Heart of Mary in 1942. After the war, in 1946, partly through Lucia's inspiration, the World Pilgrimage of Our Lady of Fatima was begun, from which so many cases of concord between nations originated.

After the example of the little shepherds of Fatima, we ought to continue to pray for Peace. If we do not pray, only with difficulty or perhaps never will we obtain Peace.

### OUR LADY OF FÁTIMA PRESERVED PORTUGAL FROM THE WAR

A new collaborator begins in this number his contribution to «Fátima-50». This is John Vitoria, who writes a study in which he analyses the mysterious causes which led Hitler on the one side and the Allies on the other to respect Portuguese neutrality and thus avoid our country entering into that tremendous world war.

All the factors for belligerent needs, for Germans as well as for their adversaries, would have inevitably led to the occupation of the Iberian Peninsula or the strategic Islands of Azores. The threat was hanging over our territorial integrity during the most critical period of the war. Yet, in spite of all the circumstances being expedient for the invasion and all the facilities being on the side of the eventual invaders, such never came to pass. Why? Here lies the mystery. The causes for such a preser-

vation of Portuguese neutrality are not to be found except in the unquestionable protection of Our Lady of Fátima who promised the little shepherds, if they prayed, that Peace would reign in Portugal.

The most representative Portuguese authorities recognized, at the end of the conflict, the mysterious and providential action which preserved Portugal from the war. There is no other explanation. The author proves, with documents of the period, how everything was foreseen for the invasion of Portuguese territory, how this invasion came to be planned and even ordered, and how, unexpectedly, it never happened. He also avails of the documents of authorities to affirm the providential action of God by the intermediary of Our Lady of Fátima.

This is, without doubt, a miracle of Peace which we owe to Our Lady of Fatima and which calls for our thanksgiving and a consistency of life in the fulfillment of the Message of Mary Most Holy, if we are to continue to enjoy Her so manifest maternal protection.

### A NEW FÁTIMA IN POLAND?

Thus can we speak of the Sanctuary in honor of Our Lady of Fátima which has been erected in Turza, in Silesia. According to the testimony of German and Polish soldiers, who fought hard combats there, a lady dressed in white mysteriously came to the aid of the wounded and dying, and many times preserved them from death. A Sanctuary was built in which a Statue of Our Lady of Fátima is venerated, brought there from the Cova da Iria, in spite of all the difficulties of transportation across the Iron Curtain.

This Sanctuary is today a chosen place of pilgrimage, large numbers of people arriving there, sometimes up to 90,000 souls gathered in prayer. The pilgrims go to pray, confess their sins and receive Holy Communion. Pilgrimages take place every Sunday, as well as on the 13ths from May to October. Religious Ceremonies are carried out in the same manner as in Fátima. In fact, this Sanctuary spiritually resembles Fatima so much that many pilgrims confuse it, and ask for travel tickets to Fátima, a name which does not appear on the Railway guides of Poland. But everything is clarified when the pilgrims show their Rosaries, which have also served as a passport to cross the frontier. What this fact reveals to us is the importance of the Message of Fátima which can be fulfilled, and ought to be fulfilled no matter where, in a spirit of obedience to the Will of God and the wishes of Our Lady.

Uma página histórica sobre o memorável acontecimento de 13 de Outubro de 1917: o fenómeno solar.



# O MILAGRE DE FÁTIMA



Varios aspectos do povo ajoelhado e orando no momento de descobrir o sol e de se dar o fenomeno que tanto impressionou a multidão.



no vagalhão colossal d'aquêle povo que ali se juntou a 13 de outubro. O teu racionalismo sofreu um formidável embate e queres estabelecer uma opinião segura socorrendo-te de depoimentos insuspeitos como o meu, pois que estive lá apenas no desempenho de uma missão bem difícil, tal a de relatar imparcialmente para um grande diário, *O Seculo*, os factos que diante de mim se desenrolassem e tudo quanto de curioso e de elucidativo a eles se prendesse. Não ficará por satisfazer o teu desejo,

mas decerto que os nossos olhos e os nossos ouvidos não viram nem ouviram coisas diversas, e que raros foram os que ficaram insensíveis á grandeza de semelhante espectáculo, unico entre nós e de todo o ponto, digno de meditação e de estudo...

(Carta a alguém que pede um testemunho insuspeito).

Quebrando um silencio de mais de vinte anos e com a invocação dos longínquos e saudosos tempos em que convivemos n'uma fraternal camaradagem, iluminada então pela fé comum e fortalecida por identicos propositos, escreves-me para que te diga, sincera e minuciosamente, o que vi e ouvi na charneca de Fátima, quando a fama de celestes aparições congregou n'aquêle desolado ermo dezenas de milhares de pessoas mais sedentas, segundo creio, de sobrenatural do que impelidas por mera curiosidade ou receosas de um logro... Estão os catholicos em desacordo sobre a importancia e a significação do que presenciamos. Uns convenceram-se de que se tinham cumprido promettimentos do Alto; outros acham-se ainda longe de acreditar na incontrovertida realidade de um milagre. Foste um crente na tua juventude e deixaste de sel-o. Pessoas de familia arrastaram-te a Fátima,



O que ouvi e me levou a Fátima? Que a Virgem Maria, depois da festa da Ascensão, apparecera a tres crianças que apascentavam gado, duas mocinhas e um zagaleta, recomendo-lhes que orassem e prometendo-lhes apparecer ali, sobre uma azinheira, no dia 13 de cada mez, até que em outubro lhes daria qualquer signal do poder de Deus e faria revelações. Espalhou-se a nova por muitas leguas, e m

redondez; voou, de terra em terra, até os contins de Portugal, e a roma-





PLAZA DE LAS FUENTES  
DE MADRID